UNIVERSIDADE DE SOROCABA

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E INOVAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA

Kelly Decanini Fidelis

Jornalismo *longform*: uma análise das narrativas do site BBC Brasil sobre o BRICS

Sorocaba/SP

2018

Kelly Decanini Fidelis

Jornalismo *longform*: uma análise das narrativas do site BBC Brasil sobre o BRICS

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação e Cultura.

Orientadora: Professora Doutora Monica Martinez

Sorocaba/SP

2018

Ficha Catalográfica

Fidelis, Kelly Decanini
F471j Jornalismo longform : uma análise das narrativas do site BBC Brasil sobre o BRICS / Kelly Decamini Fidelis. -- 2018.
82 f. ; il.

Orientadora: Profa. Dra. Monica Martinez
Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2018.

1. Comunicação. 2. Jornalismo. 3. Jornalismo eletrônico. 4. Mídia digital. 5. Redação de textos jornalísticos. 6. BRICS. I. Martinez, Monica, orient. II. Universidade de Sorocaba. III. Título.

Kelly Decanini Fidelis

JORNALISMO LONGFORM: UMA ANÁLISE DAS NARRATIVAS DO SITE BBC BRASIL SOBRE O BRICS

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba.

Aprovado em: 08/05/2018

BANCA EXAMINADORA:

Prof.ª Dr.ª Monica Martinez
Universidade de Sorocaba

Prof.ª Dr.ª Claudia Lago
Universidade de São Paulo

Prof.ª Dr.ª Míriam Cristina Carlos Silva
Universidade de Sorocaba

Dedico essa dissertação aos meus pais, responsáveis por eu ser quem sou; ao meu marido que, além de tudo, é meu maior incentivador; e às minhas filhas, que me compreendem e me apoiam em tudo, sempre.

AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Monica Martinez, por me apresentar os desafios e me guiar para enfrentá-los, com maestria e humildade.

Ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, principalmente aos professores que o fazem tão enriquecedor, e à Daniela Rosa, sempre disposta a prestar seu apoio aos mestrandos do programa.

À Professora Doutora Míriam Cristina Carlos Silva, que me ensinou a ver a comunicação com olhar poético.

À Professora Doutora Claudia Lago, por sua contribuição na área da Comunicação e em especial a esta pesquisa.

À minha família, por ter compreendido a minha dedicação a esta pesquisa e por sempre apoiar minhas aventuras.

Aos companheiros desta jornada, em especial aos colegas Leila Gapy, Vanessa Heidemann, Gisele Gabriel Souza, Maria Fernanda Cavassani, Aparecida Montesino, Helbert Roger Almeida e Tadeu Rodrigues.

Acima de tudo, agradeço a Deus, soberano de todas as coisas.

O mundo da narrativa do real resgata também o prazer da boa leitura, pois seus bons autores conduzem o leitor a uma viagem simbólica pelos temas, territórios, cenários reais, personagens, eventos, fatos, sentimentos, emoções, impressões, gostos, cores, ritmos e sons da vida tal qual é, em sua natureza orgânica e verdadeira, complexa, cativante, às vezes aconchegante, às vezes ameaçadora.

Edvaldo Pereira Lima

RESUMO

Essa pesquisa tem como objeto a produção jornalística do site BBC Brasil, da rede de comunicação British Broadcasting Corporation (BBC), sobre o BRICS - referência ao grupo político-econômico Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. As reportagens analisadas foram aquelas publicadas em jornalismo *longform*, termo utilizado para as reportagens em formato longo, em geral associadas a recursos multimídia, com mínimo de 1.200 palavras, Longhi (2015). O objetivo é examinar se há elementos de jornalismo literário nessa produção. Do ponto de vista metodológico, após a revisão de literatura – que evidenciou que o primeiro artigo científico internacional sobre o tema é de 2008 – delimitou-se o corpus no período entre 2009 e 2017, optando-se por uma reportagem de cada ano (a que continha o maior número de palavras). A análise de conteúdo realizada parte da abordagem de Bardin (2011), buscando elementos dos dez pilares do jornalismo literário na perspectiva de Lima (2009). Os resultados sugerem que o site BBC Brasil, ao retratar o BRICS, não têm a intenção de realizar o jornalismo *longform*, se considerarmos que este jornalismo teria um texto mais aprofundado, dado o tamanho mais generoso, com recursos multimídia como apontado por Longhi (2015), nem jornalismo literário nos moldes dos dez pilares apontados por Lima (2009). É importante considerar que os jornalistas responsáveis por algumas das reportagens aqui selecionadas, de maneira aleatória, assinaram textos no estilo de jornalismo literário em publicações como a revista piauí!, o que evidencia o conhecimento e o talento para realizar produção mais elaborada. É possível igualmente observar que as pesquisas em jornalismo literário parecem florescer com mais intensidade no Brasil e no exterior (BAK; REYNOLDS, 2011; MARTINEZ, 2016), diferente do que acontece com o jornalismo *longform*, cujas pesquisas caminham a passos mais lentos.

Palavras-chave: Comunicação. Jornalismo *Longform*. Jornalismo Literário. Jornalismo Digital. Reportagens Multimídias. BRICS.

ABSTRACT

This research aim the journalistic production of British Broadcasting Corporation (BBC) on BRICS - reference to political-economic group Brazil, Russia, India, China and South Africa. The reports analysed are the ones published in longform journalism, a term used for long-form reports, generally associated with multimedia resources, with a minimum of 1,200 words, Longhi (2015). The research presented aims the longform journalism - long format news, usually associated with multimedia resources, with a minimum of 1,200 words, Longhi (2015) -, produced by BBC Brasil website, the communication network British Broadcasting Corporation (BBC) (BBC), about BRICS - a reference to the political-economic group compound by Brazil, Russia, India, China and South Africa. The objective is to explore if there are elements of literary journalism in this production. From a methodological point of view, after reviewing the literature - which showed that the first international scientific article on the subject is from 2008 - the corpus was delimited in the period from 2009 to 2017, opting for one news each year (which contained the largest number of words). The content analysis performed part of Bardin's approach (2011), seeking elements of the ten pillars of literary journalism from the perspective of Lima (2009). The results suggest that BBC Brasil website, when portraying BRICS, does not intend to perform longform journalism, if we consider that this journalism would have a more in-depth text, given the more generous size, with multimedia resources as described by Longhi (2015), or literary journalism along the ten pillars pointed out by Lima (2009). It is important to consider that the journalists who subscribe to some of the articles selected here, randomly, signed texts in literary journalism, in publications such as piauí!, which shows the knowledge and the talent to perform said production. And that research in literary journalism seems to increase more intensely in Brazil and abroad (BAK; REYNOLDS, 2011; MARTINEZ, 2016), unlike what happens in longform journalism, as researches are being made slowly.

Keywords: Communication. Longform Journalism. Literary Journalism. Digital Journalism. Multimedia News. BRICS.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Tabela 1 - Crescimento do consumo de E&M..... 19

Tabela 2 - Frequência com que os brasileiros acessam a Internet..... 20

Tabela 3 - Reuniões de Cúpula do BRIC / BRICS..... 26

Tabela 4 - Líderes dos países pertencentes ao BRICS (2018)..... 27

Tabela 5 - Dados Sociais – BRICS..... 28

Tabela 6 - Dados Econômicos e Políticos – BRICS..... 30

Tabela 7 - Dez maiores economias globais – PIB..... 31

Gráfico 1 - Assuntos abordados pela BBC Brasil sobre BRICS..... 38

Gráfico 2 - Reportagens publicadas no site BBC Brasil sobre o BRICS..... 39

Gráfico 3 – Taxa de crescimento anual do BRICS e dos países desenvolvidos..... 46

Figura 1 - BBC comemorou 20 anos na internet em 2014..... 33

Figura 2 - Página inicial do site bbc.com na atualidade..... 33

Figura 3 - Página atual do site BBC Brasil..... 34

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....09

2 NARRATIVAS JORNALÍSTICAS.....11

3 JORNALISMO LITERÁRIO.....14
3.1 Os Dez Pilares do Jornalismo Literário.....15
3.2 Grandes Reportagens Multimídia.....16
3.3 Jornalismo Digital.....18

4 JORNALISMO *LONGFORM*..... 22

5 O BRICS.....26
5.1 O Site BBC Brasil.....32

6 JORNALISMO LONGFOM NO SITE BBC BRASIL SOBRE OS BRICS.....36
6.1 Análise de Conteúdo.....36
6.2 A Pesquisa..... 38
6.2.1 Reportagens em formato longo sobre BRICS no site BBC Brasil..... 39
6.2.2 Longas narrativas do site BBC Brasil sobre o BRICS: análise das características do jornalismo *longform* e Jornalismo Literário..... 40

7 CONSIDERAÇÕES.....50

REFERÊNCIAS..... 54

ANEXO A - Reportagem: Década de 2020 deve consolidar poder dos BRICs..... 59

ANEXO B - Reportagem: Brics não ameaçam hegemonia dos EUA, diz ‘pai’ da teoria do neoliberalismo 61

ANEXO C - Reportagem: Qual país vai puxar a recuperação da economia global..... 63

ANEXO D - Reportagem: Brics competem para ganhar terreno na África..... 66

ANEXO E - Reportagem: O que aconteceu com a economia dos Brics?..... 69

ANEXO F - Reportagem: Brics: Quatro conquistas e um fracasso do grupo dos emergentes..... 72

ANEXO G - Reportagem: Para onde caminha o banco do BRICS?..... 74

ANEXO H - Reportagem: Qual é a relevância dos Brics - e quais são seus desafios para o futuro..... 77

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas três décadas, o jornalismo vem sofrendo um processo de transformação com o advento da Internet. Nesse contexto insere-se o grupo britânico BBC (*British Broadcasting Corporation)*, emissora pública de rádio e televisão do Reino Unido fundada em 1922). Respeitada como mídia jornalística no rádio e na TV, a BBC consolida-se também no jornalismo digital como uma fonte de notícias relevante mundialmente. No Brasil, o site *BBC Brasil*, em português, é acessado por pessoas que buscam informações sobre fatos do país e também do mundo, conteúdo este, em geral, feito por meio da rede de correspondentes do grupo presente em vários países.

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a presença do jornalismo *longform*, entendido aqui como reportagens em formato longo em geral associadas aos recursos multimídia, divulgadas pelo site BBC Brasil sobre o BRICS. Por este acrônimo compreende-se um grupo político-econômico formado por Brasil, Rússia, Índia, China e, mais recentemente, África do Sul.

As pesquisas sobre jornalismo *longform* são recentes e apresentam muitas lacunas, inclusive na tentativa de sua definição. Pesquisadores estadunidenses como Straubhaar (2015) e Lewis (2016) referem-se ao termo como o jornalismo de formato mais longo, comumente mais encontrado nos ambientes digitais. A partir dessa constatação, investiga-se nesse trabalho se essa produção narrativa tem alguma das características do Jornalismo Literário.

Para Lima (2009), por exemplo, o Jornalismo Literário surge como uma maneira de se fazer jornalismo com mais profundidade em contraposição ao jornalismo que ele chama de convencional. Seria, assim, uma modalidade do jornalismo que poderia proporcionar ao leitor um maior poder interpretativo de realidades complexas. Nem sempre, contudo, o Jornalismo Literário necessariamente se apresenta em textos longos (MARTINEZ, 2016). Já para a pesquisadora Longhi (2015), o jornalismo *longform*, para ser atrativo ao leitor, deve ter uma narrativa bem construída, com pesquisa e escrita de qualidade.

Esta investigação do jornalismo *longform* no site BBC Brasil sobre BRICS pretende compreender se essa narrativa propõe ao leitor algo a mais que o jornalismo convencional, comumente encontrado e usado no jornalismo contemporâneo, ou seja, se há características do gênero jornalístico denominado Jornalismo Literário, mais aprofundado que o convencional.

Do ponto de vista de estrutura, os capítulos desta dissertação abordam inicialmente a fundamentação teórica: a) *os principais elementos das narrativas jornalísticas*, tendo como referenciais Motta (2013), Todorov (2006), Silva; Hergesel (2016), Martinez; Pessoni; Silva; Ribeiro (2017); b) *Jornalismo Literário*, seu conceito, estrutura e aplicações, usando como fontes principais Lima (2009) e Martinez (2016); c) reportagens multimídia no contexto dos ambientes digitais, já que o objeto deste estudo é o site BBC Brasil, baseando-se nas pesquisas dos autores Martinez (2018), Girardi Júnior (2009) e Ferrari (2014); d) o jornalismo *longform* propriamente dito, usando como referência, sobretudo, Longhi (2015); e) o site BBC Brasil e BRICS, para entendimento histórico e relevância no contexto comunicacional, segundo os pesquisadores Dalpiaz (2009), Joyce; Martinez (2016), Ramaprasad; Pasti (2017); Thussu; Nordenstreng (2015).

O método de análise empregado é o de conteúdo na abordagem de Bardin (2011). O *corpus* é comporto por reportagens em formato longo publicadas pelo site BBC Brasil sobre BRICS entre 2009 e 2017. Feita a triagem inicial, optou-se por selecionar uma reportagem por ano, justamente aquelas que continham maior número de palavras, já que se pretende analisar os formatos longos.

O passo posterior foi analisar a estrutura narrativa das reportagens, para compará-las com a estrutura de Jornalismo Literário proposta por Lima (2009), com a finalidade de responder à indagação desta pesquisa, isto é, se as reportagens *longform* inserem-se no contexto do Jornalismo Literário no caso brasileiro – o que se estima ser a grande contribuição desta pesquisa.

Com esse estudo, pretende-se contribuir com os pesquisadores da área de comunicação e cultura, expondo o resultado das análises de como o jornalismo *longform* está sendo usado no site jornalístico BBC Brasil para tratar de relevante assunto mundial, o BRICS. Desta maneira, reforçar a compreensão do termo jornalismo *longform* e sua utilização como narrativa midiática, comparando-o ao Jornalismo Literário.

2 NARRATIVAS JORNALÍSTICAS

Para que os acontecimentos possam ser contados de maneira que o receptor compreenda a história ocorrida é preciso ordená-los, seguindo uma dada lógica. Sobre a narrativa, Motta (2013) afirma:

> A narrativa põe naturalmente os acontecimentos em perspectiva, une pontos, ordena antecedentes e consequentes, relaciona coisas, cria o passado, o presente e o futuro, encaixa significados parciais em sucessões temporais, explicações e significações estáveis (MOTTA, 2013, p.71).

Independente dos acontecimentos narrados serem reais ou fictícios, a narrativa é responsável por dar sentido ao contexto, já que possui uma estrutura de conexão que fará sentido àquele que a acessar, seja leitor ou ouvinte.

Para Todorov (2016), o processo narrativo pode ser categorizado em alguns aspectos essenciais:

a) **Narrador**: aquele que conta a história, que pode aparecer em 1ª e 3ª pessoas, entre outras variantes;
b) **Enredo**: são os acontecimentos, as ações desenvolvidas pelas personagens dentro da narrativa;
c) **Personagens**: aqueles que realizam as ações, formando o enredo;
d) **Espaço**: local em que se passa a história;
e) **Tempo**: período, ordem cronológica com que a história é narrada.

As narrativas ainda podem apresentar características facultativas, quanto ao tempo, às falas dos personagens e ainda alguns recursos de expressões:

> *Analepse/Prolepse:* as projeções no tempo (retornos ou avanços).
> *Discurso:* as falas produzidas pelos personagens e os diálogos então criados.
> *Ornamentos:* as figuras de linguagem utilizadas para estilizar a tessitura. (SILVA; HERGESEL, 2016, p. 91).

A respeito da estrutura, Todorov (2006) divide a narrativa em história e discurso, em que história refere o conteúdo, ao que está sendo contado na narrativa; e o discurso é o modo, a maneira, a forma como os acontecimentos são contados.

Na história, muitos acontecimentos se desenrolam ao mesmo tempo, enquanto na narrativa há, em geral, uma dada ordem, uma certa linearidade necessária para que o receptor

os compreenda mais facilmente. Portanto, o tempo da narrativa não é o mesmo tempo dos fatos:

> O problema da apresentação do tempo na narrativa impõe-se por causa de uma dissemelhança entre a temporalidade da história e a do discurso. O tempo do discurso é, em certo sentido, um tempo linear, enquanto o tempo da história é pluridimensional. Na história, muitos acontecimentos podem desenrolar-se ao mesmo tempo; mas o discurso deve obrigatoriamente coloca-los um em seguida ao outro; uma figura complexa encontra-se projetada em uma linha reta. É daí que vem a necessidade de romper a sucessão natural dos acontecimentos, mesmo se o autor desejasse segui-la de mais perto (TODOROV, 1973, p. 232).

Assim, ao compor a narrativa, o autor impõe a ela a sua maneira de contar uma história. E isso ocorre não somente em relação à cronologia da história, mas também em vários outros aspectos. "A narrativa pode ser entendida como forma de mediação, pois materializa os fenômenos perceptivos por meio da representação, interpretação, crítica e, em alguns casos, da transformação da experiência" (MARTINEZ; PESSONI; SILVA; RIBEIRO, 2017, p. 206).

Nessa perspectiva, Motta (2007) lembra que para tecer a narrativa é preciso que o jornalista acompanhe os fatos para que consiga construir a conexão dos acontecimentos. Dessa forma, seria possível construir a narrativa jornalística com um enredo coerente.

Ao tratar uma das categorias fundamentais da narrativa, Motta (2007) recorda que no jornalismo a personagem não é ficcional. Porém, o jornalista como narrador do acontecimento constrói a imagem desse personagem, narrado no contexto da construção da reportagem, entre outros formatos jornalísticos. Segundo ele, seria melhor

> [...]observar como o narrador imprime no texto marcas com as quais pretende construir a personagem na mente dos leitores/ouvintes. É por outras vias que chegaremos às questões políticas e sociais. (MOTTA, 2007, p. 7).

Além disso, vale ressaltar que o próprio leitor fará uma reconstrução da personagem, conforme seu entendimento do texto e suas próprias representações.

Outra reflexão apresentada por Motta (2007) é o fato da narrativa jornalística representar um jogo, no qual se apresenta os efeitos de real e efeitos de sentido. Assim, as intenções do jornalista e as interpretações do receptor resultam na comunicação sobre os fatos relatados.

A interação entre autor e leitor é essencial no Jornalismo Literário, já que ao tecer o texto narrado neste gênero jornalístico, o jornalista detalha os fatos, não só em palavras concretas como também simbólicas, que levará o leitor à reflexão e compreensão do fato relatado. Estará no texto a maneira singular de como o jornalista literário irá narrar o

acontecimento, bem como a maneira também singular com que cada leitor compreende o texto.

3 JORNALISMO LITERÁRIO

Segundo Hohlfeldt e Valles (2008, p. 26), a composição de um campo de estudos do jornalismo surge concomitantemente à preocupação social a respeito dos meios de comunicação, na sua própria inserção social e no estudo sistemático a respeito dos mesmos, justificando a composição de um campo de especialistas/pesquisadores.

Pena recorda a relação fraterna entre jornalismo e literatura desde o período de 1830 a 1900 (PENA, 2006), que ele batiza de segundo momento do jornalismo. Tanto que um "de seus principais instrumentos foi o folhetim, um estilo discursivo que é a marca fundamental da confluência entre jornalismo e literatura" (PENA, 2006, p. 28). Essa fase marcaria igualmente o início das reportagens e das manchetes.

Para Martinez (2016), o Jornalismo Literário nasceu muito antes da corrente jornalística mais conhecida, a estadunidense dos anos 1960. Para Martinez, Correia e Passos (2015), o Jornalismo Literário seria:

> [...] o conjunto de gêneros narrativos de não ficção situados na zona fronteiriça entre o jornalismo e a literatura – combinando os procedimentos investigativos de um à estética narrativa da outra – e outras áreas do conhecimento (MARTINEZ; CORREIA; PASSOS, 2015, p. 239).

No Brasil, a história do Jornalismo Literário remontaria a dois autores: "O primeiro é, sem dúvida, Euclides da Cunha (1866-1909), que cobriu a insurreição de Canudos para o Jornal *O Estado de S.Paulo* em 1897. Outro autor pioneiro no Jornalismo Literário brasileiro é João do Rio (1881-1921), pseudônimo de Paulo Barreto, notado em suas crônicas escritas no livro *A alma Encantadora das Ruas*, escrito entre 1904 e 1907" (MARTINEZ, 2016, p. 34).

O Jornalismo Literário é caracterizado pela narrativa diferenciada. Segundo Martinez, Correia e Passos (2015), o jornalismo tradicional possui narrativa direta, com sentido único e mais lógico, enquanto na narrativa do Jornalismo Literário nota-se o hibridismo e a criatividade.

Sobre as características do Jornalismo Literário, Lima afirma:

> A exatidão e a precisão, portanto, fazem parte do ideário. Contudo, com o modo com que se atende a esse quesito no Jornalismo Literário é muito mais criativo – e desafiador – para o autor do que no jornalismo convencional. É também mais cativante para o leitor (LIMA, 2009, p. 355).

As técnicas diferenciadas não são somente aplicadas na maneira de escrita, mas obviamente na pesquisa da informação e em sua edição.

3.1 Os Dez Pilares do Jornalismo Literário

Um dos legados dos estudos de Lima (2009) é estabelecer, a partir dos cânones idealizados por Kramer (KRAMER, 1995), os chamados pilares do Jornalismo Literário brasileiro, que seriam alicerces da estrutura desta modalidade jornalística (MARTINEZ, 2008). Seriam eles:

a) **Exatidão e precisão**: a pesquisa e elaboração do texto é criteriosa e detalhista, mas ela nem sempre resulta em textos longos;
b) **Contar uma história**: talvez a principal característica do Jornalismo Literário seja que a narrativa não é apresentada no formato da pirâmide invertida tradicional;
c) **Humanização**: os personagens humanos são a grande força (e às vezes fraqueza) das narrativas em estilo de Jornalismo Literário;
d) **Compreensão**: há intenção de se fazer compreender a realidade de uma forma mais ampla, não de se explicar os fatos de uma maneira cartesiana. Isso porque a compreensão "busca exibir o mundo sob perspectivas diversificadas. Mais do que isso, ilumina as conexões entre conteúdos aparentemente desconectados. Interliga dados, mostra sentidos, perspectivas" (MARTINEZ, 2016, p. 47);
e) **Universalização temática**: por meio da cobertura de assuntos diversos, o Jornalismo Literário bem realizado toca em assuntos universais, encontrando-se aqui outra relação com a boa literatura;
f) **Estilo próprio e voz autoral**: para praticar o Jornalismo Literário, o autor não pode ser um jornalista que se limita a observar dados e transformá-los em um mero texto explicativo. É preciso que o jornalista tenha uma visão de realidade de maneira que possa compreendê-la, para depois produzir um texto universalizado e humanizado.
g) **Imersão**: o jornalista literário em geral mergulha na realidade para poder compreendê-la. Trata-se de uma investigação do fato, de se viver intensamente a experiência e depois afastar-se dela para poder redigir o texto.
h) **Simbolismo**: os fatos reais não são formados somente por aspectos concretos, mas também pelos aspectos simbólicos. Para Lima, "como o autor tem a missão de compreender sua história em pauta da maneira mais completa possível, precisa estar atento aos significados que saltam aos fatos, ao sentido oculto cuja melhor forma de expressão nem sempre é o relato objetivo" (LIMA, 2009, p. 378);

i) **Criatividade**: o jornalista literário narra uma história. Em seu trabalho de investigação, age como um repórter, imerso na realidade. Para narrar a realidade cria uma representação da mesma, com seus fatos simbólicos e personagens reais.

j) **Responsabilidade ética**: a base da credibilidade não só do Jornalismo Literário, mas de qualquer jornalismo, depende do compromisso ético que ele tem em reportar a realidade.

É possível entender esses pilares como uma espécie de filosofia do Jornalismo Literário, cujas premissas variam de país para país (BAK; REYNOLDS, 2011).

3.2 Grandes Reportagens Multimídia

O jornalismo, em geral, devido à necessidade de rapidez, pode deixar lacunas em sua função de relatar os fatos. Assim, alguns gêneros jornalísticos (COSTA, 2015) surgiram com a função de propiciar cobertura mais aprofundada. É o caso da grande reportagem:

> É a ampliação do relato simples, raso, para uma dimensão contextual. Em especial esse patamar de maior amplitude é alcançado quando se pratica a *grande-reportagem*, aquela que possibilita um mergulho de fôlego nos fatos e em seu contexto, oferecendo, a seu autor ou a seus autores, uma dose ponderável de escapar aos grilhões normalmente impostos pela fórmula convencional do tratamento da notícia [...] (LIMA, 2009, p. 18).

Desde a década de 1920, a reportagem vem sendo utilizada, primeiro nos jornais semanais impressos seguido das revistas. Comparando com os textos jornalísticos existentes até o momento, a reportagem trouxe, e traz, uma riqueza maior dos fatos. Sobre esse momento do jornalismo e o surgimento das grandes reportagens, Lima (2009) cita:

> Descobre-se então que a imprensa estava muito presa aos fatos, ao relato das ocorrências, mas era incapaz de costurar uma ligação entre eles, de modo a revelar ao leitor o sentido e o rumo dos acontecimentos. É a partir dessa deficiência que o público passa a esperar um tratamento informativo de maior qualidade. (LIMA, 2009, p. 19).

O pioneirismo deste gênero jornalístico ficaria por conta da revista estadunidense *Time.* A revista aproveitou-se da carência no jornalismo em transformar os fatos em textos que fizessem sentido ao leitor (LIMA, 2009) e iniciou suas reportagens de maneira aprofundada, prezando pela qualidade da informação que o leitor busca consumir. Com o passar dos anos, esse gênero passa a ser cada vez mais adotado por grandes veículos de comunicação em todo o mundo:

> O modelo é tão bem-sucedido que hoje são encontradas, em várias partes do mundo, publicações que têm como inspiração o caminho aberto pela *Time: Der Spiegel* na Alemanha, *Cambio 16* na Espanha, *L' Express* na França, *L' Europeo* na Itália, *Veja* no Brasil. (LIMA, 2009, p. 19).

Nas grandes reportagens notam-se alguns aspectos peculiares, como estrutura predominantemente narrativa e um relato mais humanizado dos fatos. Para Maria Helena Ferrari e Muniz Sodré, esses aspectos aparecerão nesse gênero de alguma maneira. Segundo eles, "conforme o assunto ou o objeto em torno do qual gira a reportagem, algumas dessas características poderão aparecer com maior destaque. Mas será sempre necessário que a narrativa (ainda que de forma variada) esteja presente numa reportagem. Ou não será reportagem" (FERRARI; SODRÉ, 1986, p. 15). A estrutura narrativa torna-se ainda mais interessante quando as grandes reportagens passam a ser publicadas na internet. A pesquisadora Raquel Longhi define que:

> A partir da década de 2000, com as possibilidades abertas pelo surgimento do HTML5, os produtos multimidiáticos jornalísticos se renovam, e anunciam que o poder de dar consolidação desse tipo de formato enquanto gênero específico do webjornalismo, herdeiro da grande reportagem do impresso, que definimos como grade reportagem multimídia (LONGHI, 2014, p. 899).

Ao migrarem para a internet, as grandes reportagens tiveram em seu conteúdo outros elementos além dos textos: os elementos multimídia. Pode-se chamar essa nova modalidade de Grandes Reportagens Multimídia, ou apenas GRM. Segundo Carvalho, a GRM, aliada à facilidade de acesso à Internet por meio, principalmente, dos aparelhos móveis, pode dar ao jornalista uma possibilidade criativa ainda maior, tornando-a mais atrativa aos leitores: "no contexto das produções jornalísticas, a multimidialidade tem papel de destaque por propiciar a exploração intensiva das mídias na construção das notícias em ambiente digital" (CARVALHO, 2016, p. 12).

Essas produções poderiam ser divididas em duas categorias:

a) *Multimídia por justaposição:* recursos distintos que – podem ser textos, vídeos, fotos, desenhos, gráficos, entre outros –, aparecem lado a lado sem que haja uma articulação direta entre eles.
b) *Multimídia por integração:* esses recursos distintos são utilizados de maneira que formem uma unidade comunicativa que criam um sentido único.

Essa última seria a principal categoria onde se enquadrariam as Grandes Reportagens Multimídia.

Ao utilizar a multimídia por integração, todos os recursos multimídia fazem parte da grande reportagem para gerar uma compreensão, um sentido ao assunto abordado, alocado para que complementem a narrativa da reportagem.

3.3 Jornalismo Digital

O surgimento da Internet no final do século XX proporcionou às pessoas maior facilidade e rapidez de comunicação. Na citação abaixo, Martinez (2016) relata que o jornalismo digital, como mídia recente, é fonte de estudos para que possa ser melhor compreendido:

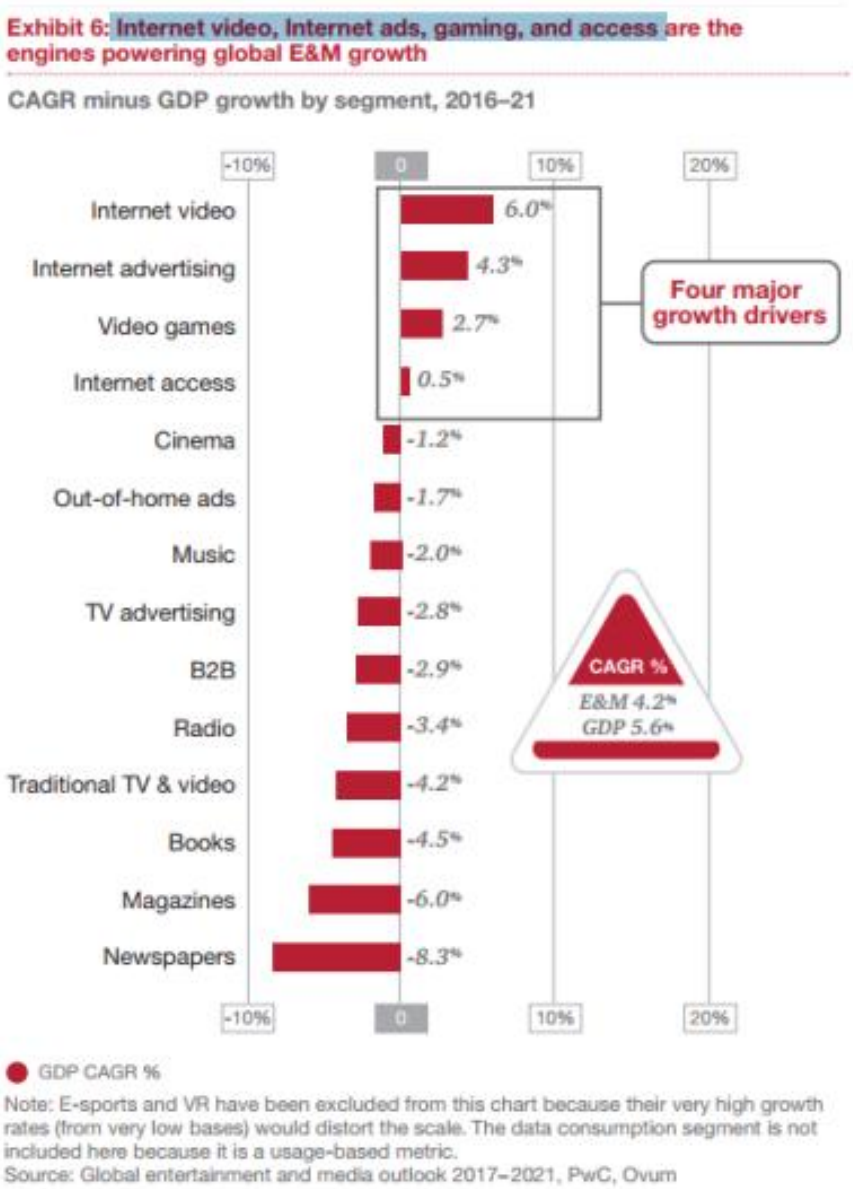
> Por serem tão novas, há ainda muitas lacunas a serem preenchidas nos estudos deste novo ambiente comunicacional, de forma a compreendê-lo profundamente. Contudo pode-se dizer com toda a segurança que, desde o surgimento da Internet, a relação entre os participantes do processo comunicacional nunca mais foi a mesma. Três parecem ser as palavras principais que resumem essa revolução: conectividade, interatividade e velocidade. (MARTINEZ, 2016, p. 362)

Para Girardi Junior (2009), a ampliação das distâncias entre o local de moradia e o de trabalho, a melhoria relativa da renda e a conquista de menores jornadas de trabalho foram os gatilhos que começaram a transformar a experiência social, voltando-se para o aproveitamento do tempo disponível despendido no lar por uma parcela considerável da população:

> Se o primeiro processo de grandes investimentos em tecnologias públicas de eletrificação (iluminação pública) e expansão de rodovias e ruas já havia sido implementado, surgia, em outro momento, um tipo de tecnologia para o qual não se tinha um nome adequado ainda, uma tecnologia que se direcionava para um modo de vida centrado na casa (GIRARDI JUNIOR, 2009, p. 118).

Nas últimas três décadas, os ambientes digitais conquistaram muito espaço. Em pesquisa realizada pela agência *Price Waterhouse Cooper* é possível notar o aumento do consumo da Internet como meio de entretenimento e mídia (E&M):

Tabela 1 - Crescimento do consumo de E&M



Fonte: PriceWaterhouseCoopers, 2017 apud MARTINEZ, 2018, p. 23.

Seguindo os mesmos passos da população mundial, os brasileiros são grandes consumidores de Internet (MARTINEZ, 2018).

Tabela 2 - Frequência com que os brasileiros acessam a Internet

P28) Considerando os dias da semana, de segunda a sexta-feira, quantas horas por dia o(a) sr(a) costuma acessar a internet? **(RU)**

Base: para quem costuma usar a internet (9307)	
MÉDIA (em minutos)	**283,8**
Até 60 minutos	19%
Mais de 60 até 120 minutos	17%
Mais de 120 até 180 minutos	12%
Mais de 180 até 240 minutos	11%
Mais de 240 até 300 minutos	8%
Mais de 300 minutos	29%
Não acessa a internet de segunda a sexta-feira	1%
NS/NR	3%

P29) Considerando o final de semana, quantas horas por dia o(a) sr(a) costuma acessar a internet?

Base: para quem costuma usar a internet (9307)	
MÉDIA (em minutos)	**271,7**
Até 60 minutos	20%
Mais de 60 até 120 minutos	17%
Mais de 120 até 180 minutos	11%
Mais de 180 até 240 minutos	10%
Mais de 240 até 300 minutos	8%
Mais de 300 minutos	26%
Não acessa a internet durante o final de semana	3%
NS/NR	4%

Fonte: SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 2016 apud MARTINEZ, 2018, p. 25

Com a Internet, as informações se propagam em uma velocidade muito grande e com isso a influência dessas informações em outras culturas também é disseminada de uma maneira muito maior do que no passado.

> O foco na globalização é de fato a veloz interconexão entre os mercados financeiros, que é possível devido aos avanços tecnológicos – avanços que permitem que as pessoas ao redor do mundo acompanhem notícias em tempo praticamente real (STRAUBHAAR, 2015 apud JOYCE; MARTINEZ, 2016, p. 86).

A britânica *Reuters*, a maior agência internacional de notícias do mundo, divulgou uma pesquisa em 2015 com dados demonstrando que os brasileiros são um dos povos que mais

consomem jornalismo digital. Podemos aliar esse dado ao fato de que 58% dos brasileiros acessam a Internet (REUTERS, 2015).

Neste contexto, o jornalista passa a produzir uma quantidade bem maior de notícias (FERRARI, 2014) e muitos perdem seu posto de trabalho (ALVES, 2016), num processo que se convencionou denominar precarização do mercado (PAULINO; NONATO; GROHMANN, 2013).

Apesar dessa realidade sobre a profissão de jornalismo, vale ressaltar que os textos produzidos com qualidade e confiabilidade sobrevivem às intempéries da profissão:

> Na cena dramática que a narrativa da contemporaneidade – ou se quiserem, a Reportagem – edita os conflitos do caos real sustentam o cosmo simbólico e a assinatura coletiva que atravessa um Autor se torna polifônica e polissêmica, descentralizada, democrática. O rigor das referências (dados objetivos, informações colhidas, interpretações especializadas) forma um fundo conceitual, um cenário de ideias que não pode esmagar a saga dos heróis, anti-heróis do protagonismo social em processo. Afinal, está aí a Arte que aponta para a realização das sínteses densas e tensas da aventura humana, com todos os tropeços da dúvida intelectual e da incompletude prática do cotidiano. Diante desse brilho narrativo, a triste e vil pirâmide invertida do jornalismo fica envergonhada. (MEDINA, 2014, p. 18)

Parece que a arte da escrita continua sendo uma premissa para alguns profissionais, independentemente dos desafios enfrentados.

No próximo capítulo, o jornalismo em formato longo será abordado, especificamente o realizado na WEB. A arte da escrita para o texto longo é relevante para manter o leitor interessado. Conforme Medina (2014), a forma com que o jornalista tece o texto é o que o torna atrativo. A relação entre a maneira como o jornalista relata a história e a compreensão da mensagem pelo leitor é consequente da apuração bem elaborada dos fatos e o "brilho narrativo" citado por Medina (2014).

4 JORNALISMO *LONGFORM*

Longform, palavra inglesa cuja tradução para o português é forma longa, já sugere sua própria definição. Alguns autores e pesquisadores utilizam o termo em sílabas separadas: *long form*. Aqui optou-se por usar o termo como uma única palavra, seguindo sites internacionais como o *Columbia Journalism Review*.

Registramos a fase da revisão de literatura em artigos para ilustrar que se trata de um tema recente, cujo primeiro artigo encontrado no portal de busca Google Acadêmico foi publicado em 5 de junho de 2008. Trata-se de *Narrative News Story*, escrito pelo estadunidense John Nerone, o que demonstraria que o uso do termo *longform* não tem mais de uma década de existência (NERONE, 2008).

Ao se pesquisar "Jornalismo *Longform*", bem como "Jornalismo *Longform*" and "Jornalismo Literário", no dia 4 de janeiro de 2018, no portal de Periódicos da Capes, não houve nenhum resultado. Já pesquisando o termo em inglês "*Longform Journalism*" foram encontrados 66 resultados e, ao consultar "*Longform Journalism*" *and* "*Literary Journalism*", houve 35 apontamentos.

Na mesma data, pesquisa semelhante no *Google Acadêmico* sobre o termo "Jornalismo *Longform*" produziu 15 resultados, todos com menos de 3 anos de publicação, entre eles um texto que se revelou essencial a essa pesquisa (LONGHI; WINQUES, 2015). Já para os termos "Jornalismo *Longform*" e "Jornalismo Literário" encontraram-se três resultados apenas. Ainda no *Google Acadêmico*, ao pesquisar o termo em inglês, ou seja, "*Longform Journalism*", foram encontrados 161 resultados. Pesquisando "*Long form Journalism*", foram encontrados 819 resultados.

Pesquisando os termos "*Long form Journalism*" and "*Literary Journalism*", é possível encontrar 160 resultados. A pesquisa no site *The International Association for Literary Journalism Studies* (IALJS), em 4 de março de 2018, trouxe somente um artigo publicado, datado de 2016.

Em uma definição de jornalismo *longform*, na qual é possível notar alguma relação com o Jornalismo Literário, a pesquisadora Mary Clare Fischer, da Universidade de Maryland (EUA), cita:

> Numa definição mais apurada, longform diz respeito a: "1) um nível mais aprofundado de relato, que vai além do padrão cotidiano da produção (jornalística) e 2) narrativas atraentes, frequentemente com elementos multimídia, que realçam o artigo (FISCHER, 2013 apud LONGHI; WINQUES, 2015, p. 112).

O jornalismo *longform*, seria, então, aquele que possui formato maior que as reportagens jornalísticas tradicionais. Além disso, o jornalista poderia, em tese, utilizar os recursos disponíveis na WEB, como imagens, infográficos e até vídeos, para compor a reportagem (LONGHI; WINQUES, 2015).

Os recursos midiáticos podem tornar a reportagem mais próxima do leitor e proporcionar também leitura mais prazerosa. Para Carvalho:

> Reportagens que exploram ao máximo os recursos que o meio digital oferece, através de várias combinações de linguagens, onde a criatividade do jornalista, aliada a essa exploração de recursos, cria um modo de fazer jornalismo, onde a estética visual aliada ao tema exposto tem a capacidade de atrair o leitor/internauta que está constantemente em busca de novidades na internet. (CARVALHO, 2016, p. 12)

Existe a necessidade de acompanhar a facilidade ao acesso das informações promovida pelos dispositivos móveis como *smartphones, tablets* e *notebooks*, mas o jornalismo pode preservar as narrativas ricas e detalhadas que encontramos no Jornalismo Literário. A proposta do jornalismo *Longform* seria a de manter a qualidade nas reportagens, principalmente nos grandes relatos, ressaltando a importância de atrair e manter a atenção do leitor, usando recursos multimídia.

A pesquisadora estadunidense Maria Lassila-Merisalo questionou jornalistas profissionais na Finlândia, Dinamarca, Itália, Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, com experiência na publicação de jornalismo *longform* digital em pequenas empresas, sobre os recursos a serem usados no jornalismo de longo formato com a finalidade de despertar interesse nos leitores (2014). Ela concluiu que a característica mais útil no jornalismo longo digital é a interatividade, que pode ser alcançada pelo uso dos recursos e, principalmente, pelo envolvimento causado pelo texto.

Na única pesquisa sobre jornalismo *longform* disponível na revista científica da *International Association for Literary Journalism Studies* (IALJS), a mesma pesquisadora realizou um experimento empírico por meio dos óculos Google para investigar como 15 jovens interagiam com a leitura de um texto *longform* em *Ipads*. O resultado aponta como o texto foi lido, contudo, não se os leitores gostaram ou não da narrativa longa (MARINO, 2016).

Nessa mesma linha, a de que há mais mitos que fatos na forma como os leitores recebem um texto jornalístico com características mais literárias, alinha-se o estudo baseado nas 51 colunas publicadas no portal da revista *Época* em 2010 pela jornalista Eliane Brum (MARTINEZ, 2014). O principal achado: “Ressalta-se que este estudo derruba uma das

falácias associadas à mídia digital: o senso comum de que o internauta teria predisposição para preferir textos curtos" (MARTINEZ, 2014, p. 75). O fato é que ao serem convidados a responder uma pesquisa sobre a extensão dos textos da jornalista, os leitores responderam que achavam-no adequado, sendo que alguns textos que integram essa produção de 2010 chegam a ter 46.000 caracteres com espaço, uma quantidade considerável, seja para o espaço digital, seja para o impresso. Comentando o trabalho realizado pela jornalista Eliane Brum, a autora sintetiza que: "ela emprega a Internet como espaço privilegiado para publicar textos integrais, o que atende leitores exigentes, que buscam informações aprofundadas sobre um dado assunto" (MARTINEZ, 2014, p. 75).

Em estudo realizado por Lewis, Hanc e Reid (2016), é possível compreender como o jornalismo *longform* vem sendo incorporado às aulas de jornalismo. A pesquisa foi realizada com professores associados de várias instituições ligadas à comunicação e Jornalismo Literário em 20 países. Todos os participantes da entrevista são professores que utilizam o Jornalismo Literário em suas aulas, mas 69% deles não usam essa modalidade de jornalismo voltada para web.

O Jornalismo *Longform* parece vir ao encontro com um movimento recente do jornalismo, chamado *slow jornalism*. Este movimento pretende resgatar que o jornalismo deve ser feito com tempo suficiente para manter sua qualidade, e não somente com a rapidez para que se façam cada vez mais reportagens, atendendo o mercado e gerando lucro (ORCHARD apud LONGHI; WINQUES, 2015). Para Orchard, a indústria jornalística exigiria uma quantidade cada vez maior de reportagens, em curto espaço de tempo, já que precisam ser publicadas velozmente. Isso não permite que o jornalista tenha tempo para se aprofundar nas pesquisas que antecedem a publicação da notícia. Assim, o movimento denominado *slow journalism* defende que o jornalista precisa de tempo para se aprofundar na pesquisa, gerando reportagens com melhor qualidade.

Mesmo com – ou talvez até por conta dessa discussão –, o texto longo vem ganhando cada vez mais espaço na mídia online. Exemplos desse crescimento são os sites dos jornais *The Guardian e The New York Times*, que têm apostado nessas narrativas ampliadas, usando a opção de jornalismo *longform* tanto em reportagens especiais quanto naquelas edições diárias.

Os sites do jornal *Folha de S.Paulo* e do portal *UOL* são exemplos que estão se destacando neste formato de narrativas longas, principalmente em suas reportagens especiais. Outra visão de expansão do Jornalismo Longform é a iniciativa do site estadunidense

denominado *longform.org*[1], que contém vários artigos no formato de texto longo, de diferentes fontes, divulgados no mesmo site. Outro interessante site criado para esse tipo de narrativa é o *The Feature*[2], citado por Longhi e Winques:

> Thefeature.net, um agregador de matérias publicadas via a plataforma de arquivamento Instapaper. Também são encontrados na rede plataformas como: Medium, Readymag e a Creatavist, que permitem aos usuários publicar e editar seus textos longos. (LONGHI e WINQUES, 2015, p. 116).

Polêmicas e discussões à parte, o jornalismo digital está amadurecendo e há preocupação com a qualidade de seu conteúdo, o que torna o tema Jornalismo *Longform* uma fonte de estudos relevante à área da comunicação.

Os próximos capítulos irão retratar como o jornalismo em longo formato realizado pela BBC Brasil aborda o BRICS, um agrupamento relevante na área político-econômica, mas que as pesquisas que aqui serão presentadas demonstram também a importância no cenário social, em especial na área da comunicação.

[1] O site longform.org é uma iniciativa da *University of Pittsburgh* (EUA), sendo patrocinado e mantido pela mesma universidade até os dias atuais. Está disponível na WEB há três anos, onde os alunos de Pós-Graduação da *University of Pittsburgh* são responsáveis pelas publicações, sempre em formato longo. O site está disponível em: https://longform.org/. Acesso em 15 mai. 2017.

[2] *The Feature* é um site estadunidense, onde é possível submeter artigos jornalísticos em formato longo. Disponível em: http://thefeature.net/. Acesso em 15 mai 2017.

5 O BRICS

BRICS é um acrônimo que se refere ao agrupamento internacional com promissor crescimento socioeconômico composto pelos países Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul.

Por meio da publicação do estudo do economista Jim O'Neil, a força econômica, social e cultural desses países foi considerada relevante no mercado internacional, chamando a atenção de investidores do mundo – inicialmente para o BRIC: Brasil, Rússia, Índia e China.

Sobre o BRIC, Visentini relata que o termo "foi cunhado em 2001 pelo economista Jim O'Neil, do banco de investimentos *Goldman Sachs*, em um relatório denominado *Building Better Global Economic Bric*, que buscava expor aos clientes do banco o grande mercado que esses países poderiam representar no futuro" (VISENTINI, 2013, p. 202). Neste relatório, O'Neil aponta esses países como os quatro maiores e mais promissores entre os mais desenvolvidos. Em 2003, O'Neil realizou um novo estudo para o banco *Goldman Sachs*. Com o nome de *Dreaming with Brics: the Path to 2050*, o estudo aprofundado fez uma projeção da economia e da população dos países pertencentes ao BRIC e declarou que, em 2050, esses países unidos formariam as maiores economias mundiais.

Em junho de 2009 foi realizada a primeira cúpula do BRIC. Nesta reunião, foram discutidos problemas econômicos causados pela crise de 2008, como a crise afetou os países e as potências mundiais. Em 2010, a África do Sul foi convidada a ingressar ao grupo (VISENTINI, 2013).

A seguir, apresenta-se uma tabela com todas as reuniões do agrupamento enquanto BRIC e após tornar-se BRICS:

Tabela 3 - Reuniões de Cúpula do BRIC / BRICS

Cúpula	Participantes	Data	Local / País Anfitrião
1ª Cúpula do BRIC	BRIC	15 junho de 2009	Ecaterimburgo - Rússia
2ª Cúpula do BRIC	BRIC	15 de abril de 2010	Brasília – Brasil
3ª Cúpula do BRICS	BRICS	14 de abril de 2011	Sanya – China
4ª Cúpula do BRICS	BRICS	29 de março de 2012	Nova Déli – Índia
5ª Cúpula do BRICS	BRICS	26 de março de 2013	Durban – África do Sul
6ª Cúpula do BRICS	BRICS	15 de julho de 2014	Fortaleza – Brasil
7ª Cúpula do BRICS	BRICS	9 de julho de 2015	Ufa – Rússia

8ª Cúpula do BRICS	BRICS	16 de outubro de 2016	Goa – Índia
9ª Cúpula do BRICS	BRICS	5 de setembro de 2017	Xiamen - China

Fonte: autoria própria – adaptado do www.wikipedia.org. (Out/2017).

Desde o surgimento do BRICS, houve algumas alterações na liderança dos países membros, mas nenhuma delas prejudicou o andamento do grupo, já que todos eles reconhecem a importância do agrupamento. Na sequência, a tabela demonstra quem são os principais líderes da atualidade.

Tabela 4 - Líderes dos países pertencentes ao BRICS (2018)

País	Líder de Estado	Ministro das Finanças	Presidente do Banco Central
Brasil	Presidente Michel Temer	Henrique Meirelles	Ilan Goldfajn
Rússia	Presidente Vladimir Putin	Anton Siluanov	Elvira Nabiullina
Índia	Primeiro-Ministro Narendra Modi	Arun Jaitley	Urjit Patel
China	Presidente Xi Jinping	Jin Renqing	Zhou Xiaochuan
África do Sul	Presidente Cyril Rampahosa[3]	Pravin Gordhan	Lesetja Kganyago

Fonte: autoria própria – adaptado do www.wikipedia.org. (Fev/2018).

Os países membros do BRICS se assemelham em algumas características, mas são muito diferentes em outras. A seguir, podemos observar dados dos países que compõem o BRICS, o que possibilita notar essas diferenças:

[3] Em 14 de fevereiro de 2018, Jacob Zuma renunciou à presidência da África do Sul, após denúncias de corrupção. Cyril Rampahosa, vice-presidente até então, assumiu a presidência na mesma data.

Tabela 5 - Dados Sociais – BRICS

País	População[4] 2016	IDH[5] (Posição Mundial) 2016	Expectativa de Vida[6] 2016	Religião Predominante[7]	Idioma Oficial Predominante[8]
Brasil	204,5 mi	79º	75,8	Católica-romana	Português
Rússia	144,3 mi	49º	70,8	Ortodoxa	Russo
Índia	1,324,0 bi	131º	68,5	Hinduísmo	Hindi
China	1,379,0 bi	90º	75,5	Budismo	Mandarim
África do Sul	55,91 mi	119º	63,1	Cristianismo	Zulu

Fonte: autoria própria, 2018

A diversidade cultural de cada um desses países é sem dúvida um fator de destaque. Pesquisadores dos países membros estão unindo forças para que descubram aspectos semelhantes e trabalhem juntos para melhorias em seus países. As pesquisas na área de comunicação não são realizadas somente pelos países isoladamente, mas também em conjunto. Ramaprasad e Pasti (2017) relatam que o BRICS destaca-se de outros grupos mundiais, entre outras razões, por seus estudos em comunicação, como painéis e discussões na *International Association for Media and Communication Research* - IAMCR e no *International Council for Central and East European Studies* – ICCEES, além de ser objeto de pesquisas em Universidades de várias partes do mundo.

Importantes organizações foram criadas pelos países membros para dar espaço às pesquisas sobre mídia e comunicação do BRICS. Na China destaca-se a *World Media Summits* – WMS. Para as autoras, "WMS representa o BRICS e deseja legitimar globalmente seus valores e atitudes para a liberdade de imprensa e liberdade de expressão, até recentemente entregues por uma organização ocidental" (RAMAPRASAD; PASTI, 2017).

[4] Fonte: United Nations – World Population Prospect. Disponível em: https://esa.un.org/unpd/wpp/Publications/. Acesso em 25 jan 2018. Dados da população brasileira: segundo site do IBGE, a estimativa da população em outubro de 2017 é 208.550.957.
[5] IDH significa Índice de Desenvolvimento Humano, medida concebida pela ONU (Organização das Nações Unidas) para avaliar a qualidade de vida e o desenvolvimento econômico de uma população. Fonte: Human Development Report 2016. Disponível em: http://hdr.undp.org/sites/default/files/2016_human_development_report.pdf. Aceso em 25 jan 2018.
[6] Fonte: Index Mundi. Disponível em: https://www.indexmundi.com/pt/. Acesso em 25 jan 2018.
[7] Fonte: Wikipedia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/. Acesso em 25 jan 2018.
[8] Fonte: Wikipedia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/. Acesso em 25 jan 2018.

Thussu e Nordenstreng (2015) relatam a utilização das mídias nos países membros do BRICS. Para os autores, as pesquisas sobre mídia e a relação que um país tem em comparação com outro vêm crescendo nos últimos 10 anos, provocados, entre outras razões, pelo surgimento do BRICS e a inserção do tema sobre o agrupamento entre estudantes de graduação e pós-graduação na área da comunicação. Além disso, os encontros e congressos promovidos pelas associações no campo da comunicação e das mídias para discutirem as vantagens e desafios do BRICS tornam-se cada vez mais importantes, pois estão partindo de pesquisadores dos países pertencentes ao BRICS. Onde há hegemonia estadunidense, o fortalecimento das pesquisas originadas desses países tem relevância global (THUSSU E NORDENSTRENG, 2015).

Ainda sobre o fator social do BRICS, em especial sobre as mídias digitais, a Internet deu oportunidade de uma maior atuação das mulheres como profissionais de jornalismo, um campo com domínio masculino (LAGO, GUDIPATY, RAMAPRASAD, PASTI, LI, RODNY-GUMEDE, 2017). Esse é um importante avanço da profissão e para a conquista da igualdade social. Movimentos feministas são realizados nos países BRICS para conquistar esse espaço. Na Rússia, os movimentos trouxeram conquistas, e uma maioria de mulheres no curso de jornalismo. As jornalistas dos países membros buscam uma remuneração mais justa, já que os estudos apontam que somente na China e na Índia (países no qual há um predomínio de homens na profissão), a remuneração está mais baseada na performance do que no gênero (LAGO, GUDIPATY, RAMAPRASAD, PASTI, LI, RODNY-GUMEDE, 2017). O estudo desses pesquisadores é um exemplo de que o BRICS tem avançado como agrupamento no aspecto social, já que os pesquisadores estão analisando e divulgando dados e características que podem culminar em uma melhoria na igualdade social para todos os países membros.

Martinez e Joyce (2016) destacam a influência econômica dos cinco países, unidos pela força do agrupamento e deixam a pergunta para nossa reflexão, explicitando o poder de influência demonstrado por esses países.

> Assim, teria o BRICS, no contexto atual de globalização, potencial de ações comunicacionais conjuntas, ou áreas de expertise particulares, nas quais pudessem oferecer uma alternativa à produção midiática estadunidense, com seu lastro na língua franca contemporânea, o inglês? (JOYCE; MARTINEZ, 2016, p. 87).

Na tabela a seguir é possível notar as desigualdades dos países em termos econômicos, também evidenciadas por suas diferenças políticas.

Tabela 6 - Dados Econômicos e Políticos – BRICS

País	PIB[9] em Milhões de Dólares 2016	PIB Per Capta[10] Dólares 2016	IPC[11] - média anual – 2017	Balança Comercial[12] 2017	Regime Político[13]
Brasil	1,796,187	8.649,95	3,46%	Superávit US$ 4,998 bilhões	Presidencialismo
Rússia	1,283,163	8.748,36	3,80%	Superávit US$ 91,65 milhões	Semi-presidencialismo[14]
Índia	2,263,792	1.709,39	2,35%	Superávit US$ 1.712 milhões	Democracia parlamentar
China	11,199,145	8.123,18	1,59%	Superávit US$ 20.167 milhões	Estado Comunista
África do Sul	295,456	5.273,59	5,26%	Superávit US$ 1.021 milhões	Parlamentarismo

Fonte: autoria própria.

Comparados com outras economias mundiais, cada país membro têm posições econômicas diferenciadas (MARTINEZ, 2018). No ranking que descreve os países com os dez maiores valores de Produto Interno Bruto (PIB) do mundo em 2016, aparecem três dos cinco países pertencentes ao BRICS: China (2ª. Posição), Índia (7ª. Posição) e Brasil (9ª. Posição).

[9] Produto Interno Bruto - representa a soma de todos os bens e serviços finais produzidos numa determinada região, durante um determinado período, calculado a valores correntes (atuais). Os dados comparativos são de 2016, fonte: https://data.worldbank.org/data. Acesso em 23 jan 2018.

[10] PIB per capta: dados de 2016, fonte: https://data.worldbank.org/data. Acesso em 23 jan 2018.

[11] IPC é o Índice de Preço ao Consumidor. Os dados foram extraídos do site inflation.eu. Disponível em: http://pt.inflation.eu/taxas-de-inflacao/. Acesso em 23 jan 2018.

[12] Balança Comercial é a diferença entre o valor total importado menos o valor total exportado pelo país. Superávit significa um saldo positivo na Balança Comercial em um determinado período. Fonte dos dados da tabela: Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio Exterior e Serviços do Brasil. http://www.mdic.gov.br/comercio-exterior/estatisticas-de-comercio-exterior/comex-vis. Acesso em 23 jan 2018.

[13] Fonte: Wikipedia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/. Acesso em 25 jan 2018.

[14] O regime político semi-presidencialista federal tem o Presidente como chefe de Estado e o Primeiro-ministro como patrão de governo.

Tabela 7 - Dez maiores economias globais – PIB

TABLE 1.1 International Monetary Fund (IMF) Data: Ten Largest Global Economies, GDP (current prices), 2015 and 2016 data in USD billions

Rank	Country	2015	2016
1	United States	18,037	18,569
2	China	11,226	11,218
3	Japan	4,382	4,939
4	Germany	3,365	3,467*
5	United Kingdom	2,863	2,629
6	France	2,420	2,463
7	India	2,088	2,256
8	Italy	1,825	1,851
9	Brazil*	1,801	1,799
10	Canada	1,553	1,529

Source: IMF World Economic Outlook Database, April 2017. An asterisk indicates an IMF staff projection.

Fonte: AYRES, 2018, apud MARTINEZ, 2018, p. 11.

Com esses dados é possível notar que todos os países-membro têm grandes desafios econômicos e políticos individuais. Mesmo a Rússia, que possui uma história de protagonismo internacional desde as grandes guerras mundiais, não aparece entre as grandes potências. Porém, é fato que os países do BRICS têm destaque pelas economias emergentes que possuem, com um promissor crescimento nos próximos anos.

A importância das pesquisas sobre BRICS pode ser notada pela relevância do grupo no cenário do mundo sociocultural e econômico.

> [...] os cinco países, em suas próprias maneiras, adotaram economia essencialmente capitalista e, em graus diferentes, integradas na economia global dominada pelos EUA, como demonstrado pelo fato de que os países BRICS estão na posse de 40% das reservas de divisas estrangeiras globais - estimadas em US$ 4.4 trilhões – que representa 21% do PIB global, que triplicou nos últimos 15 anos. (NORDENSTRENG; THUSSU, 2015 apud JOYCE; MARTINEZ, 2016, p. 84).

Reforçando o poder que o BRICS exerce na economia mundial, segundo o BRICLab, que é um centro de estudos sobre Brasil, Rússia, Índia e China da *School of International and*

Public Affairs da Universidade de Columbia, em Nova Iorque. Fundado em 2011, o BRICLab é o primeiro do tipo em uma universidade dos Estados Unidos. O centro de estudos é dirigido pelo diplomata brasileiro Marcos Troyjo e pelo francês Christian Deseglise, chefe da área de mercados emergentes do HSBC, em Nova Iorque, além de ser professor da Columbia University.

Em uma publicação para o site *Rising Powers in Global Governance*, Shashi Tharoor (2016) comenta a influência do BRICS, ainda que lenta, que confronta as maiores potências mundiais. O pesquisador cita que é fato que o BRICS possui enormes recursos culturais, narrativas históricas de profundidade e, no momento, sendo muito grandes para serem ignorados em termos econômicos, mesmo que o agrupamento evolua um passo de cada vez. Segundo Tharoor, a China já é uma potência econômica global. Enquanto Brasil e Índia estão emergindo como potências continentais, a Rússia está resistindo ao seu *status* nas margens do sistema ocidental. E a África do Sul busca o caminho seu para o crescimento econômico mundial.

5.1 O Site BBC Brasil

Dalpiaz reproduz uma representação positiva da *British Broadcasting Corporation*, a BBC:

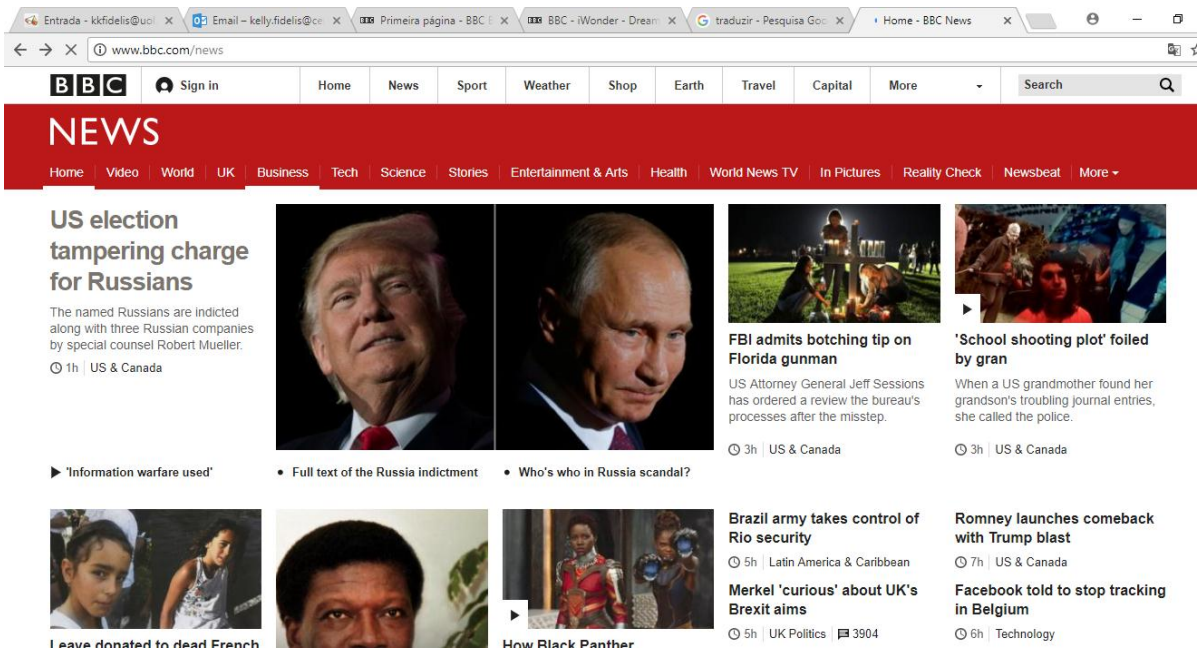
> [...] é reconhecida internacionalmente pela qualidade de suas produções, que se espalham pelo mundo através de vários serviços - elaborados em diversos idiomas - sejam de rádio, televisão ou internet. Nesse sentido, torna-se evidente que a trajetória - de mais de 70 anos - do Serviço Brasileiro da BBC é parte dessa história, que também integra a história dos meios de comunicação (DALPIAZ, 2009, p. 1).

Evidentemente essa representação da emissora pública britânica poderia ter outro viés aos olhos, digamos, de um pesquisador indiano, por conta dos quase 200 anos sofridos de colonização. Migramos então para a presença nos ambientes digitais atuais da BBC a partir das imagens do site bbc.com. A primeira delas trata-se de uma reportagem sobre os 20 anos da rede de notícias BBC na internet, comemorados em 2014. A segunda figura é uma imagem atual do site bbc.com:

Figura 1 - BBC comemorou 20 anos na internet em 2014

Fonte: http://www.bbc.co.uk/timelines/zpwy87h. Acesso em 16 fev. 2018.

Figura 2 - Página inicial do site bbc.com na atualidade



Fonte: http://www.bbc.com/news. Acesso em 16 fev. 2018.

Conforme o histórico contido no próprio site, o jornalismo da BBC Brasil foi fundado em 1938, com um relatório sobre a Segunda Guerra Mundial, transmitido via rádio. Segundo Leal Filho, em seu livro *Vozes de Londres*: memórias brasileiras da BBC:

> A primeira transmissão é acompanhada com certa atenção pela colônia britânica no Brasil. No Rio de Janeiro, o corpo diplomático ouve as ondas curtas da BBC e, depois, num documento oficial enviado ao Ministério das Relações Exteriores, informa que tecnicamente a transmissão foi boa (LEAL FILHO, 2008, p. 21).

O website da BBC Brasil foi criado em 1999. Além dos jornalistas no Brasil, há jornalistas em Washington, Nova York, Londres, Buenos Aires, Lisboa, Madri, Paris, Bruxelas, Roma, Tel Aviv e Hong Kong.

A BBC Brasil dedica-se especialmente à cobertura jornalística dos assuntos econômicos e políticos do Brasil e do mundo, além de publicar temas relacionados à cultura, saúde e tecnologia, entre outros assuntos.

Nos últimos anos a BBC Brasil investiu em multimídia, em que o conteúdo de suas reportagens chega ao público brasileiro por meio de texto, áudio e vídeo. Assim, a produção jornalística do site inclui parcerias como os boletins de notícias transmitidos pelas rádios CBN e Globo, do Grupo Globo, e vídeos veiculados na TV pela Rede Bandeirantes.

Figura 3 - Página atual do site BBC Brasil

Fonte: http://www.bbc.com/portuguese. Acesso em 16 fev. 2018.

Desde quando o BRICS começou a ser coberto pela mídia, o site BBC Brasil reporta os principais acontecimentos relacionados. Em uma das publicações do site BBC Brasil, “Qual é a relevância do Brics - e quais são seus desafios para o futuro”, por exemplo, Marcos Troyjo

chama a atenção para o poder dos BRICS para o futuro (TROYJO, 2017). Os eventos foram relatados pelo site, como reuniões de cúpula, andamento do Banco BRICS e estrutura econômica dos países membro, seja em reportagens curtas ou longas.

6 JORNALISMO LONGFOM NO SITE BBC BRASIL SOBRE OS BRICS

O principal objetivo da análise dessas peças narrativas de jornalismo *longform* no site BBC Brasil sobre o BRICS é investigar a existência de eventuais características do Jornalismo Literário. Para Martinez (2017), o jornalismo *longform* é um termo recente, usado eventualmente como sinônimo de Jornalismo Literário.

No jornalismo *longform*, o método como o jornalista constrói a reportagem teria uma especial importância, já que precisa informar com qualidade e de maneira atrativa para que o leitor não perca o interesse em continuar lendo a reportagem. Outros recursos midiáticos fariam parte da estrutura narrativa do jornalismo *longform*, como aqui citados anteriormente, mas o texto é o elemento principal da narrativa. É o que afirma o jornalista Esdras Marchezan, em entrevista dada à pesquisadora Raquel Longhi e divulgada no texto *Longform, a qualidade como protagonista*, publicado na revista eletrônica Farol Jornalismo, em dezembro de 2016. O jornalista confirma a necessidade de uma narrativa bem construída, notada no jornalismo *longform*, para auxiliar no processo de aproximação do leitor. Além disso, a narrativa deste formato de jornalismo, proveniente do Jornalismo Literário é caracterizada pelo aprofundamento dos fatos, no qual o trabalho investigativo que procede à reportagem é bem extenso. Justifica-se aí a maior proximidade que o jornalista cria com a realidade para depois narrar no texto.

6.1 Análise de Conteúdo

O método escolhido para analisar o corpus desta pesquisa é a análise de conteúdo, na perspectiva de Laurence Bardin, pesquisadora e professora-assistente de Psicologia na Universidade de Paris V, que aplicou as técnicas da Análise de Conteúdo na investigação psicossociológica e no estudo das comunicações de massas. Este método, apesar de muito aplicado às pesquisas quantitativas, é também muito utilizado em pesquisas qualitativas de diversas áreas, incluindo as pesquisas em Comunicação.

Bardin descreve as etapas desta metodologia no livro *L' Analyse de Contenu*, publicado na França em 1977. A tradução para a língua portuguesa foi feita em Portugal no início dos anos 2000 e recebe o nome de Análise de Conteúdo.

Ao expor a análise de conteúdo como método, Bardin (2011) propõe uma abordagem tanto quantitativa quanto qualitativa. O primeiro refere-se à frequência com que aparecem

determinadas características de um conteúdo, enquanto o segundo irá determinar se, no conteúdo analisado, está presente ou ausente determinada característica ou um grupo de características. Na pesquisa realizada, foram abordados os dois aspectos descritos por Bardin (2011):

a) **Método quantitativo:** analisou-se a quantidade de vezes que o site BBC Brasil divulgou reportagens em longo formato, ou seja, em jornalismo *longform,* sobre o BRICS entre 2009 até 2017, norteando como o corpus da pesquisa. O objetivo desta análise foi entender se no decorrer dos anos houve um espaço maior ou menor para as reportagens em formato longo sobre BRICS no site. Além disso, foi realizado um levantamento sobre a quantidade de cada assunto abordado nas reportagens sobre o agrupamento BRICS, dividindo em economia e política, aspectos sociais, saúde, infraestrutura e cultura. Com essa análise foi possível conhecer a característica principal do jornalismo presente no site BBC Brasil.

b) **Método qualitativo:** a análise qualitativa foi feita a partir das reportagens em formato do jornalismo *longform* com o objetivo de se identificar possíveis características do Jornalismo Literário.

Bardin (2011) sugere alguns passos para executar a análise. O primeiro deles é a elaboração de uma ou mais hipóteses, ou seja, aquilo que supomos encontrar no texto pesquisado. Em seguida, realiza-se uma leitura flutuante, para fazer a análise temática do texto e a análise lexical, procurando confirmar ou não a(s) hipótese(s) estipuladas anteriormente. Na análise temática é possível destacar códigos para entender as razões, os sentidos simbólicos de partes do texto e a análise lexical refere-se às palavras, exatamente como elas aparecem no texto.

Na pesquisa realizada com as reportagens do site BBC Brasil sobre o BRICS em jornalismo *longform* foram estipuladas como hipóteses:

a) as reportagens com narrativas longas a princípio teriam alguns elementos do Jornalismo Literário;
b) a quantidade de publicações em formato longo sobre o BRICS teria espaço no site BBC Brasil.

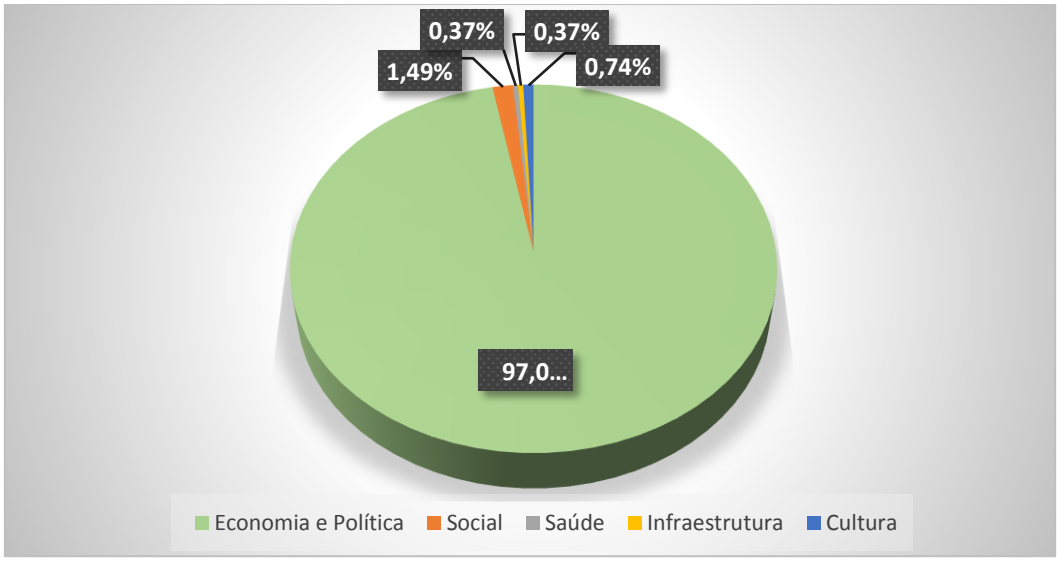
6.2 A Pesquisa

Ao pesquisar no website BBC Brasil com a palavra-chave BRICS, no dia 20 de dezembro de 2017, foram encontradas 351 reportagens. Desse total, 82 reportagens citavam a palavra BRICS em alguma parte do texto, mas não com relevância para esta pesquisa, pois são reportagens sobre os países (principalmente brasileiras) sem contexto globalizado, que é o foco desta pesquisa. É o caso da reportagem na qual o presidente brasileiro Michel Temer (PMDB) comenta um decreto de extinção de mineração na Amazônia, em que o acrônimo BRICS aparece somente para citar que a declaração do presidente foi feita na China, onde ele participaria de uma reunião de cúpula nos dias posteriores à declaração. Restou, então, analisar 269 reportagens.

Das 269 reportagens sobre os BRICS no site BBC Brasil, 261 têm como temas principais a economia e a política, o que representa aproximadamente 97% do total das reportagens sobre o agrupamento de países. Desta forma, a maior relevância do BRICS do ponto de vista de representação midiática é o destaque à relevância econômica desses países.

No gráfico a seguir estão os dados sobre os assuntos abordados pelo site BBC Brasil nas reportagens sobre o BRICS, exibindo a predominância da economia e da política:

Gráfico 1 - Assuntos abordados pela BBC Brasil sobre BRICS



Fonte: autoria própria, 2018.

As reportagens que não se referem à economia e à política tratam de assuntos sobre aspectos sociais, saúde, infraestrutura e cultura. Todas elas fazem referência ao BRICS para comparar aspectos entre os países.

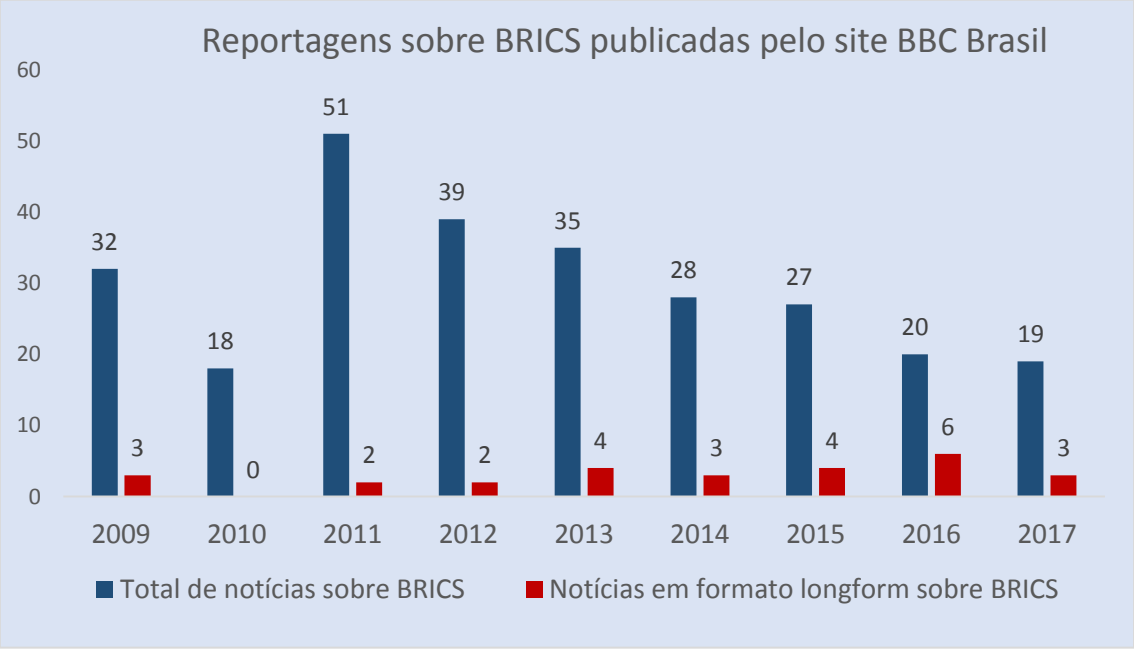
6.2.1 Reportagens em formato longo sobre BRICS no site BBC Brasil

Entre os dias 20 de dezembro de 2017 e 2 de fevereiro de 2018 foram observadas 269 reportagens do site BBC Brasil, utilizando o filtro de pesquisa "BRICS". As reportagens foram publicadas entre os anos de 2009 e 2017. A seleção desse *corpus* deu-se porque em 2009 ocorreu a primeira reunião de cúpula do BRIC (na época a África do Sul não fazia parte do agrupamento). Entende-se, portanto, que a formação da cúpula caracterizou o agrupamento como força mundial efetiva e ativa, acolhendo-o dentro dos critérios de noticiabilidade jornalística (SILVA; SILVA; FERNANDES, 2014).

Como o sistema de busca do site não possui uma ferramenta para ordenar as reportagens, foram criadas pastas de arquivo no computador para separar os títulos das reportagens em anos e assuntos. As reportagens longas foram copiadas para as pastas, para posteriormente serem analisadas.

Em uma análise quantitativa, podemos observar a quantidade de reportagens em formato longo e as pequenas notícias no decorrer desses anos.

Gráfico 2 - Reportagens publicadas no site BBC Brasil sobre o BRICS



Fonte: autoria própria, 2018.

Ao analisar a quantidade total de reportagens sobre BRICS, notamos que no ano da primeira reunião de cúpula houve uma quantidade considerável de reportagens, 32, que foi

reduzida no ano seguinte. Há um destaque para o ano 2011, com 51 reportagens. Depois disso, houve uma queda anual nas quantidades das reportagens. Isso pode demonstrar que, economicamente, houve grande comentário sobre o agrupamento no início das reuniões, com o interesse global do BRICS. O interesse continua, mas com uma moderação nos últimos anos, provocada principalmente pelas crises econômicas enfrentadas em todo mundo e que afetaram muito o Brasil, a Rússia e a África do Sul. Quanto ao espaço para as reportagens em formato longo, percebemos um limite. Um exemplo é a quantidade do ano 2011: das 51 reportagens sobre BRICS, somente duas tinham formato longo.

6.2.2 Longas narrativas do site BBC Brasil sobre o BRICS: análise das características do jornalismo *longform* e Jornalismo Literário

Foram identificadas 27 reportagens em formato longo entre 2009 e 2017. Para realizar a análise de conteúdo foram selecionadas oito reportagens, uma de cada ano de publicação, sendo que em 2010 não foi publicada nenhuma em longo formato. O critério de escolha foi a quantidade de palavras, selecionando a reportagem com a maior quantidade de palavras em cada ano. Esse critério se alinha com o site estadunidense *longform.org*, que considera mais de 2.000 palavras como exemplo desse formato (https://longform.org/about. Tradução própria). Já para os sites jornalísticos estadunidenses *The New York Times* e *Pointer* são consideradas reportagens em jornalismo *longform* aquelas que possuem mais de 1.200 palavras.

A leitura flutuante das reportagens possibilitou destacar algumas características para serem comparadas aos pilares do Jornalismo Literário e recursos multimídia, descritos pelas pesquisadoras LONGHI (2016) e MERISALO (2014) como traços da redação em estilo de jornalismo *longform.*

1. **Título:** Década de 2020 deve consolidar poder dos BRICs (Anexo A)
   Crédito: Silvia Salek, da BBC Brasil em Londres (UK)
   Data: 30/03/2009
   Quantidade de palavras: 1.412

Esta reportagem expõe dois estudos de O'Neil, o realizado em 2001, de onde origina o acrônimo BRIC, e o estudo que o economista realizou em 2009, sobre a projeção da

importância do BRIC em 2020 no qual, segundo o autor, os países membros reuniriam a maior economia do mundo.

A narrativa é composta por frases curtas, como podemos notar no trecho a seguir:

> [...] Em 2020, com 3,14 bilhões de habitantes (40% da população mundial naquele ano, segundo projeções da ONU), eles devem chegar mais perto das economias do G-7, após terem crescido a taxas muito superiores às de nações ricas (SALEK, 2009).

Além disso, há alocação de trechos de entrevistas que foram dadas à BBC ou em outras mídias mencionadas:

> [...] "Muito provavelmente, por volta de 2020 vamos nos dar conta de que existe um equilíbrio muito maior no mundo em termos econômicos e políticos com o fortalecimento de países emergentes como China, Índia, Brasil e Rússia. Com um maior poder econômico, virá também um maior poder político e uma participação ativa desses países em organismos internacionais", disse à BBC Brasil Stepháne Garelli, professor da Universidade de Lausanne, na Suíça, e autor de um estudo que traça cenários para 2050 (SALEK, 2009).

Dessa forma, o que nesta análise apresentou-se como objetivo principal: expor as entrevistas realizadas sobre a projeção do agrupamento para 2020.

Do ponto de vista do Jornalismo *Longform*, a reportagem possui 1.412 palavras, mas não apresenta recursos multimídia para buscar uma maior interação do leitor. Já sobre o Jornalismo Literário, apesar de ser mencionado na abertura da reportagem que a reportagem foi realizada em Londres, o cenário não é relatado e não é possível notar pela narrativa a imersão, o aprofundamento das fontes e dos assuntos ali abordados, notado por exemplo no trecho da reportagem que explicita sua fonte indireta:

> [...] Também às vésperas do encontro, o diretor-gerente do FMI, Dominique Strauss-Kahn, disse em entrevista a uma TV francesa que "soluções globais supõem que a governança de instituições como o FMI seja mais legítima, mais democrática, com espaço para os países emergentes e pobres" (SALEK, 2009).

2. **Título:** Brics não ameaçam hegemonia dos EUA, diz ‘pai’ da teoria do neoliberalismo (Anexo B)
   Crédito: Rogerio Wassermann, da BBC Brasil em Londres (UK)
   Data: 28/11/2011
   Quantidade de palavras: 1.543

No ano 2010 não houve reportagem longa, com mais de 1.200 palavras. Esta reportagem de 2011 relata uma entrevista realizada com Joseph S. Nye Jr, que comenta a dicotomia entre

o *soft power* e o poderio militar. No início desta reportagem há uma breve explicação sobre quem é o professor e pesquisador Nye e como ele define *soft power*:

> [...] Joseph S. Nye Jr., atual professor emérito da escola de governo da Universidade Harvard, nos Estados Unidos, é o co-fundador da teoria do neoliberalismo e criador do conceito de "soft power", que define a capacidade de um país atingir seus objetivos por meio da influência de seus valores, cultura e política, em lugar do uso da força militar (WASSERMANN, 2011).

Além disso, a narrativa jornalística define o termo BRIC:

> [...] O acrônimo Bric foi criado há dez anos pelo britânico Jim O'Neill, então economista-chefe do banco Goldman Sachs, incluindo Brasil, Rússia, Índia e China, os quatro gigantes com crescimento econômico acelerado. Posteriormente, o grupo foi institucionalizado pelos países, com a entrada posterior da África do Sul (o "s" acrescentado ao final do acrônimo), neste ano (WASSERMANN, 2011).

Na sequência, há a entrevista feita em formato pingue-pongue, com perguntas e respostas. Segue trecho da reportagem que demonstra essa característica:

> [...] BBC Brasil - Os Brics são capazes de transformar o aumento da importância econômica em soft power?
> Nye - Muitos desses países já dispõem de soft power e estão interessados em aumentá-lo. O Brasil tem soft power, que vem de sua cultura e seu sucesso crescente. A Índia tem a indústria de cinema de Bollywood, que é bastante impressionante.
> Na China, o presidente Hu Jintao já disse que o país deveria aumentar seu soft power. O governo chinês está investindo bilhões de dólares para isso.
> Mas o Brasil tem uma vantagem, como tem a Índia, de ser democrático, e portanto ser capaz de usar sua sociedade civil para gerar soft power (WASSERMANN, 2011).

Quanto ao Jornalismo *Longform*, não existe recursos multimídia, apesar do longo texto apresentado. Comparando a reportagem com o Jornalismo Literário, a entrevista com Nye não foi realizada pessoalmente (portanto, sem imersão), conforme descrito no trecho: "Leia a seguir a entrevista concedida por Nye à BBC Brasil, por telefone" (WASSERMANN, 2011). Pela narrativa apresentada, trata-se de um exemplo do jornalismo convencional.

3. **Título:** Qual país vai puxar a recuperação da economia global (Anexo C)
   Crédito: Kimiko de Freytas-Tamura - Repórter de Negócios, BBC News
   Data: 17/07/2012
   Quantidade de palavras: 1.540

A reportagem é rica em dados econômicos sobre os países protagonistas na crise de 2012 (Brasil, Índia, China, Japão e Estados Unidos), como por exemplo o trecho apresentado no início da reportagem:

> [...] O Banco Mundial prevê uma recuperação econômica branda, com um crescimento global médio na casa de 2,5%.
> Mas dentro desse cenário há uma clara diferença entre países em desenvolvimento, que devem crescer cerca de 5,3%, e economias desenvolvidas, onde a taxa média deve ser de 1,4%.
> Já o FMI espera um crescimento global na casa dos 3,5%. Para o órgão, economias em desenvolvimento devem crescer 5,6% enquanto os países desenvolvidos devem atingir taxas de 1,4% (Freytas-Tamura, 2012).

Além disso, como os países da zona do euro e o BRICS estavam reagindo ao grave problema da recessão econômica naquele momento, isto é, em 2012:

A zona do euro está dividida entre os países nortistas relativamente mais ricos (Alemanha, Holanda, Finlândia e França) e os sulistas atolados em crises (Grécia, Itália, Portugal e Espanha).

> [...] O euro atingiu seu patamar mais baixo em dois anos em relação ao dólar. Os investidores se preocupam com resultados fracos e planos de resgate para países em crise - incluindo o mais recente, que pretende salvar os bancos da Espanha [...] Até a Alemanha, que gozou de baixos índices de desemprego graças à sua competente indústria manufatureira, foi incapaz de se manter longe da crise da dívida que assola a região (Freytas-Tamura, 2012).

Sobre o Jornalismo *Longform*, novamente a reportagem possui grande quantidade de palavras, porém sem recursos multimídia. Quanto ao Jornalismo Literário, apesar de contemplar esses dados procedentes de ampla pesquisa, trata-se de uma reportagem convencional, sem representações simbólicas trabalhadas e sem riqueza em detalhes.

4. **Título**: Brics competem para ganhar terreno na África (Anexo D)
   Crédito: não divulgado na reportagem
   Data: 26/03/2013
   Quantidade: 1.740

A reportagem narra as influências que os outros países do BRICS exercem na economia da África do Sul. Possui dados estatísticos de como o Brasil, a Rússia, a Índia e a China estão explorando os negócios naquele país:

> [...] Segundo um estudo do sul-africano Standard Bank (banco no qual hoje os chineses têm uma participação de 20%), na última década o volume de trocas comerciais dos Brics com a África aumentou dez vezes, chegando a US$ 340 bilhões – mais que o comércio entre os demais países do grupo (de US$ 310 bilhões).
> A China é sem dúvida o país dos Brics cujos negócios mais avançaram no continente africano nos últimos anos, principalmente em função do interesse chinês por recursos naturais. Só o comércio com a África aumentou 20 vezes de 2002 a 2012, passando dos US$ 200 bilhões – o que em parte explica o sucesso do Shopping Center China e outros empreendimentos similares. Segundo estimativas

> do governo chinês, o país teria um estoque de investimento na África de US$ 20 a US$ 40 bilhões (BBC Brasil, 2013).

No trecho mencionado anteriormente, nota-se que houve uma pesquisa em institutos e associações dos países membros. Além disso, a reportagem contempla várias entrevistas relacionadas à economia do BRICS:

> [...] Jim O'Neill, economista conhecido por criar o termo Bric em 2001, concorda que é preciso moderar o otimismo com os investimentos dos Brics: "Não há como garantir que multinacionais desse ou daquele país vão se comportar de forma diferente. Empresas globais enfrentam os mesmos desafios para se adaptar às regras locais e ao final têm o mesmo objetivo, que é conseguir retorno para seus investimentos", diz (BBC Brasil, 2013).

Como as demais reportagens aqui mencionadas, não são usados recursos multimídia, que seriam encontrados no formato *Longform*. Há apenas duas pequenas fotos. A primeira do local de uma reunião da cúpula. A segunda imagem é de um *banner* da reunião de cúpula do BRICS que aconteceria nos próximos dias após a publicação, em Durban/África do Sul.

Novamente, trata-se de um texto em formato jornalístico convencional e não Jornalismo Literário. Não se nota criatividade nem aprofundamento no texto. A reportagem não é assinada e sua narrativa não possui voz autoral, o que não sugere imersão aos assuntos reportados.

5. **Título**: O que aconteceu com a economia dos Brics? (Anexo E)
   Crédito: Andrew Walker - Analista de economia do Serviço Mundial da BBC
   Data: 30/11/2014
   Quantidade de palavras: 1.763

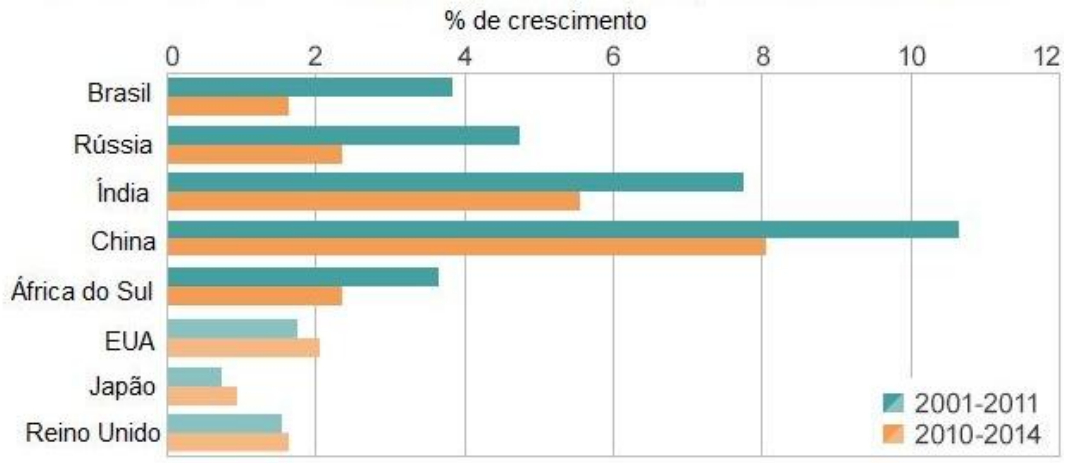
A reportagem compara dois momentos: o primeiro é a promessa de poder econômico que o agrupamento apresentava em 2001, quando foi divulgado o estudo de O'Neil. O outro era o momento atual, 2014, quando o mundo tentava se recuperar da crise econômica que enfrentava havia dois anos:

> [...] Em 2001, os Brics foram considerados países que poderiam remodelar a economia mundial.
>
> Brasil, Rússia, Índia e China -na época o grupo não incluía a África do Sul- foram identificados como economias grandes e de crescimento rápido que teriam papeis globais cada vez mais influentes no futuro.
>
> Mas a desaceleração econômica pela qual o Brasil está passando se repete em todo o grupo. O que aconteceu com estas economias? (WALKER, 2014).

A estrutura é composta por frases curtas e objetivas. Nota-se a superficialidade em vários trechos da análise, como “Outro fator que ajuda a entender o crescimento chinês é a exportação” (WALKER, 2014). Caberia uma explicação sobre as razões pelas quais a exportação alavancou o crescimento do referido país.

Na comparação da reportagem com o Jornalismo *Longform*, além de fotos a reportagem apresenta um gráfico com a taxa anual de desaceleração econômica do agrupamento, expondo claramente os dados sobre o BRICS:

Gráfico 3 – Taxa de crescimento anual do BRICS e dos países desenvolvidos



Fonte: site BBC Brasil.

Apesar de ilustrar bem, o gráfico gera dúvida sobre o período dos dados (2001-2011 e 2010-2014) dada a sobreposição de datas, o mais coerente seria o período de 2001-2010 e 2011-2014. Para o jornalismo digital, recursos multimídia criativos e interativos poderiam fazer parte da reportagem, não somente fotos e um gráfico.

Quanto ao Jornalismo Literário, não se trata, contudo, de uma história contada com criatividade, com aprofundamento ou voz autoral. No texto não há simbolismos, ainda que eles possam estar implícitos de maneira simplória e superficial por meio das fotos contempladas na reportagem. A primeira delas, uma foto tradicional obtida em uma das reuniões de cúpula do BRICS, expõe os então líderes dos países membros em frente das bandeiras de seus países de mãos unidas, ilustrando a suposta união desses países. Na segunda fotografia, um operário subindo escadas ao lado de um tanque de petróleo, o que representaria o crescimento da economia baseada nesse óleo natural. Contudo, não há integração desta imagem com o texto. A terceira imagem, um trator colhendo grãos, retrata a maior fonte de exportação brasileira: os *commodities*, termo usado para definir produtos cujo preço de

mercado é negociado pela bolsa de valores. Na quarta e última foto da reportagem, mães segurando seus filhos, uma de frente para outra, trocando olhares, como se estivessem em um espelho, sob a foto do líder comunista chinês Mao Tsé-Tung, com a legenda descrevendo a lei chinesa para que os casais tenham um só filho.

6. **Título**: Brics: Quatro conquistas e um fracasso do grupo dos emergentes (Anexo F)
   Crédito: Ruth Costas da BBC Brasil em São Paulo (SP)
   Data: 07/07/2015
   Quantidade de palavras: 1.510

Nas vésperas da reunião de cúpula do BRICS daquele ano, que aconteceria em Ufá, Rússia, a reportagem conta a situação financeira de cada um dos países:

> [...] Rússia e Brasil devem ter recessão este ano. A China está desaquecendo e a economia sul-africana deve crescer cerca de 2%. Dos cinco Brics, o único que ainda empolga investidores é a Índia, com um crescimento esperado de quase 8% para 2015. Até o criador do termo Bric, o ex-economista-chefe do Goldman Sachs Jim O'Neill, disse recentemente que se sentiria tentado a reduzi-lo para "IC" - iniciais de Índia e China - se os outros países não retomarem sua trajetória de crescimento até o fim da década (COSTAS, 2015).

Apresar disso, há uma tentativa de valorizar a influência do agrupamento: "Os Brics parecem ter conseguido, em um espaço curto de tempo, criar uma dinâmica para assegurar sua existência mesmo em um ciclo econômico desfavorável", opina Oliver Stuenkel, especialista em Brics da Fundação Getúlio Vargas (COSTAS, 2015).

Em uma citação de Marcos Troyjo, diretor do BRICLab da Universidade Columbia, não há a preocupação de comentar o que é o BRICLab, nem mesmo acrescentar um link que remeteria a alguma informação:

> [...] Marcos Troyjo, diretor do BRICLab da Universidade Columbia, concorda: "Basta comparar os Brics com o G7 (Grupo dos 7 países mais industrializados e desenvolvidos do mundo), por exemplo. O que foi que eles fizeram em termos de construção institucional? Nada. Até hoje se encontram apenas para trocar opiniões" (COSTAS, 2015).

A reportagem tem uma definição do que é o acrônimo BRICS e das principais conquistas e principais fracassos do agrupamento.

A respeito do Jornalismo *Longform*, nem mesmo o recurso de imagens foi introduzido em meio ao texto para tornar a reportagem mais interessante, já que apresenta somente uma foto no início da reportagem.

Ao comparar com o Jornalismo Literário, a narrativa jornalística é convencional, sem uma pesquisa aprofundada sobre os termos mencionados (exemplo: BRICLab), nem novidades que pudessem aguçar a curiosidade e atenção do leitor.

7. **Título**: Para onde caminha o banco do BRICS? (Anexo G)
   Crédito: Mariana Schreiber, enviada especial da BBC Brasil a Goa (Índia) e Xangai (China)
   Data: 15/10/2016
   Quantidade de palavras: 1.629

A trajetória do *New Development Bank* (NDB) ou simplesmente banco BRICS, que completava um ano de existência na ocasião, é narrada nesta reportagem.

A jornalista Schreiber, que realizou a entrevista presencialmente, escreve apenas como foi criado o banco, sua abrangência e objetivos:

> [...] Com pouco mais de um ano de criação, o New Development Bank (NDB), conhecido como banco do BRICS, é a iniciativa mais ambiciosa do grupo que reúne cinco nações emergentes - Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. Em abril, a instituição anunciou suas primeiras operações, com previsão de empréstimos de US$ 811 milhões para projetos de energia renovável (SCHREIBER, 2016).

Na sequência da reportagem, os desafios e as projeções são expostos. A maior parte do texto faz referência à entrevista realizada com Paulo Nogueira Batista, vice-presidente do NDB.

Ao considerar o Jornalismo *Longform*, há presença de poucas fotos, uma delas com os líderes dos países membros e com Temer entre eles, que havia assumido o governo brasileiro dois meses antes. Nenhum recurso multimídia faz parte da reportagem, o que a descaracterizaria do formato *Longform.* Notamos que os pilares do Jornalismo Literário não foram aplicados na reportagem. Um exemplo disso é que o texto busca explicar o assunto por meio da visão unilateral dos fatos, ao invés de mostrar perspectivas diversificadas para que o leitor compreenda melhor o assunto. Há um trecho da entrevista em que a jornalista complementa a fala do entrevistado, relatando os "risos" esboçados por Batista:

> [...] "Eu passei oito anos no FMI, é um ambiente de embate, de divisão, não é uma entidade unida, embora possa parecer, porque é uma preocupação transmitir uma união para fora. E aqui existe um ambiente de grande consenso entre os cinco países. Ás vezes eu sinto até falta do embate (risos)" (SCHREIBER, 2016).

O relato seria diferente se fosse realizado por meio do Jornalismo Literário. A descrição da atitude do personagem humanizado teria um comentário mais amplo, podendo

remeter o leitor à reflexão das razões que levaria o entrevistado a rir ao pronunciar que ele gostaria de ver os líderes do BRICS debatendo mais do que sendo complacentes. A jornalista Mariana Schreiber, em outros momentos de sua vivência no jornalismo, possui publicação na revista *piaui!*, com texto escrito com características dos pilares do Jornalismo Literário. Nesta reportagem assinada pela mesma jornalista, não percebemos tais características.

8. **Título:** Qual é a relevância dos Brics - e quais são seus desafios para o futuro (Anexo H)

   Crédito: Luis Barrucho, enviado especial da BBC Brasil a Pequim e a Xiamen (China)

   Data: 03/09/2017

   Quantidade de palavras: 1.565

A reportagem possui dados econômicos evidenciando que o BRICS é importante na economia mundial, mas destaca as diferenças dos países membros.

Há citações de especialistas entrevistados pelo site. Novamente um dos entrevistados é O'Neil:

> [...] Mas, hoje, no campo econômico, os Brics têm tido desempenhos muito diferentes. A Índia é a única que continua a crescer. A China ainda mantém uma taxa de crescimento bem maior do que a média mundial, mas menos vigorosa do que no passado. Já Brasil e Rússia se revelaram "grandes decepções", como afirmou O'Neill em entrevista à BBC Brasil (BARRUCHO, 2017).

O jornalista Luis Barrucho, que estava na China para cobrir a reunião da cúpula do BRICS, que aconteceria dias depois, escreveu sobre os pontos principais de relevância do agrupamento, bem como sobre os desafios que teriam em frases curtas e objetivas:

> [...] Para Sérgio Veloso, professor e pesquisador do Centro de Estudos e Pesquisas Brics (Brics Policy Center), os Brics "nunca surgiram como um agrupamento cuja força residia na capacidade individual de cada país".
> "Trata-se, ao fim e ao cabo, de um agrupamento político, embora tenha levado algum tempo para que eles pudessem desenvolver uma agenda política conjunta. Os Brics nunca estiveram tão sólidos", diz (BARRUCHO, 2017).

Uma foto significativa da reportagem é a que aparece o presidente Michel Temer descendo do avião das FAB, Forças Armadas Brasileiras, tendo como primeiro plano, os militares chineses que o estavam recepcionando.

Apesar de longa, a reportagem não apresenta elementos multimídia que poderiam oferecer atrativos complementares e caracterizá-la como Jornalismo *Longform.*

A análise da narrativa demonstra a organização do jornalismo convencional de opiniões de especialistas, sem voz autoral do jornalista que assina a reportagem. Não há uma história contada e sim frases curtas e objetivas.

7 CONSIDERAÇÕES

Esta pesquisa teve como objetivo compreender como o site BBC Brasil utiliza o jornalismo *longform* nas reportagens sobre BRICS por meio de uma análise do conteúdo, buscando descobrir se essas reportagens possuem características de Jornalismo Literário.

Quanto ao termo jornalismo *longform*, as primeiras referências são recentes. O primeiro artigo que menciona o termo *longform*, encontrado no Google Acadêmico, foi publicado em 5 de junho de 2008. Trata-se do *"Narrative News Story"* escrito pelo estadunidense John Nerone (NERONE, 2008), o que demonstra que o uso do termo *longform* não tem mais de uma década de existência.

Ao consultar os estudos realizados sobre o significado do termo alguns sites estadunidenses, como o *longform.org* e o *The New York Times*, especificam apenas que se trata do texto jornalístico em formato longo, com uma quantidade mínima de palavras. O site estadunidense *longform.org* considera mais de 2.000 palavras como exemplo desse formato. Já para os sites jornalísticos estadunidenses *The New York Times* e *Pointer* são consideradas reportagens em jornalismo *longform* aquelas que possuem mais de 1.200 palavras.

No Brasil, a pesquisadora Raquel Longhi (2015) acrescenta que, para ser considerado jornalismo *longform*, o texto precisa possuir uma narrativa diferenciada e mais envolvente do que os textos jornalísticos convencionais e ainda acrescenta que esta modalidade, quando utilizada no jornalismo digital, pode conter recursos multimídia para se tornar mais atrativas ao leitor.

Na pesquisa aqui apresentada foi usado o critério de quantidade mínima de 1.200 palavras para realizar a seleção do *corpus*. Os achados sugerem que as reportagens sobre o BRICS no site BBC Brasil, apesar de se enquadrarem no critério de tamanho, não apresentam recursos multimídia. Não há sequer interação planejada entre as imagens e o texto, que segue o estilo do jornalismo convencional. Não foram encontrados simbolismos, nem tratamento de maior profundidade.

Na leitura flutuante realizada nos textos fica evidente que o site BBC Brasil, ao retratar o BRICS, não tem a intenção de realizar o jornalismo *longform*, se considerarmos que este jornalismo teria um texto aprofundado ou recursos multimídia como apontado por Longhi (2015), nem de Jornalismo Literário, conforme os dez pilares apontados por Lima (2009). A razão para o texto alongado é a quantidade maior de informações sobre o tema, seja por conter muitos dados ou entrevistas com envolvidos nos assuntos. Não há aprofundamento e sim frases curtas e lógicas. É importante considerar que os jornalistas que assinam as reportagens

selecionadas e aqui analisadas pertencem ao quadro de funcionários do grupo BBC (exceto uma das reportagens que não está assinada e por isso não é possível confirmar sua fonte).

A jornalista Mariana Schreiber assina uma grande parte das reportagens em longo formato divulgadas no site BBC Brasil sobre os BRICS. Das 27 reportagens em longo formato, localizadas no período mencionado, ela assinou seis. Embora estas reportagens aqui analisadas não tenham características do Jornalismo Literário, destaca-se que a mesma jornalista já assinou textos com alguns desses elementos em outras peças jornalísticas como, por exemplo, a publicação "Pechincha em Shoreditch", publicada na revista *piauí*!, em 2014. Nesta narrativa, a jornalista narra com riqueza de detalhes, símbolos e curiosidades a rotina de uma brasileira em Londres (UK). Uma leitura envolvente e bem diferente daquelas encontradas no site da BBC Brasil, o que sugere que a jornalista poderia ter limites editoriais ao escrever para o site.

Isso talvez se alinhe com Ferrari (2014), segundo a qual o profissional que trabalha com o jornalismo digital e que é contratado de uma empresa jornalística precisa produzir uma grande quantidade de reportagens para serem publicadas, acompanhando a velocidade da Internet – o que impacta na qualidade das peças produzidas. Em participação no I Colóquio Brasil-Índia de Pesquisadores em Jornalismo, realizado em 2017 em São Paulo, o jornalista indiano Shobhan Saxena, que escreve em formato *longform* em algumas mídias e, principalmente, relatou que não tem um prazo estipulado para escrever suas reportagens, já que não há uma pressão comercial para finalizá-las.

Essa pode ser uma razão para que o site BBC Brasil não produza reportagens em formato *longform* para relatar o BRICS, com textos fundamentados no Jornalismo Literário e com recursos multimídia. Entende-se que o objetivo do site é informar acontecimentos específicos sobre o BRICS e de elaborar grandes reportagens que seriam fontes para pesquisas sobre o agrupamento.

Os aspectos essenciais da narrativa, segundo TODOROV (2016), narrador, enredo, personagens, espaço e tempo, aparecem nas reportagens analisadas, mas muito superficialmente, usadas em frases curtas e objetivas. Na perspectiva de LIMA (2009), o Jornalismo Literário é rico em detalhes e sua narrativa é mais aprofundada, se comparado ao jornalismo convencional.

Neste sentido, as reportagens aqui analisadas, longas em seu formato, ao serem narradas sob os pilares do Jornalismo Literário, poderiam proporcionar ao leitor uma reflexão, uma aproximação maior com o assunto BRICS, provocando assim uma possível compreensão da importância econômica e social do agrupamento.

Nota-se também que o perfil do site BBC Brasil é divulgar reportagens majoritariamente da área de economia e política. No levantamento realizado e demonstrado no gráfico 1 desta pesquisa, ao referenciar o BRICS, os assuntos de mais de 90% das reportagens foram sobre economia e política. Não há problema neste sentido, porém o agrupamento é muito mais que isso – o que sugere um potencial de cobertura que não está sendo devidamente utilizado.

Desde sua formação, o BRICS vem sendo estudado por pesquisadores das áreas sociais, com relevância na comunicação (THUSSU; NORDENSTRENG, 2015). Um exemplo é a participação do pesquisador Muniz Sodré, referência na área da comunicação no livro "*Mapping BRICS Media",* em um capítulo no qual relata a cultura brasileira por meio dos relacionamentos sociais, principalmente familiares, construída desde a nossa colonização e também essa relação social de outros povos, como os latinos e europeus.

Pode-se compreender que o BRICS vem ganhando força no âmbito social. Os países estão organizando constantes encontros para discutir esses aspectos e proporcionar um aprendizado com os exemplos alheios. Pesquisadores divulgam seus trabalhos em diversos segmentos, como os desafios que o profissional de jornalismo contemporâneo enfrenta em seus países e como superá-los. Um exemplo citado nesta pesquisa é o estudo da professora e pesquisadora Cláudia Lago, quanto ao papel – e os limites – da mulher no jornalismo brasileiro. Ela e os pesquisadores Gudipaty, Ramaprasad, Pasti, Li, Rodny-Gumede divulgaram, por meio de seus estudos, que a participação da mulher na profissão é parecida em todos os países do BRICS. Pesquisando os problemas sobre igualdade dos países, talvez fosse possível encontrar mais alternativas conjuntas para enfrentá-los.

Os dados econômicos e sociais aqui demonstrados evidenciam as diferenças entre os países membros. Principalmente porque cada um, em sua história, carrega as consequências de seu sistema de governo. Porém, o BRICS demonstra que podemos aprender com as semelhanças e, também, com as diferenças.

As pesquisas futuras para preencher lacunas encontradas por meio dos resultados desta pesquisa podem ser desenvolvidas em diversos aspectos. Um deles seria analisar as narrativas de outra empresa de jornalismo digital, para se buscar entender se há características de jornalismo *longform* e de Jornalismo Literário em comparação com a BBC Brasil. Outra sugestão seria analisar um site de jornalismo digital brasileiro, um russo, um indiano, um chinês e um sul-africano – preferencialmente em idioma inglês – para saber se trabalham com o jornalismo *longform,* considerando este um jornalismo que está fundamentado no Jornalismo Literário e com recursos multimídia. A relevância dessa pesquisa seria também

analisar como o jornalismo *longform* está sendo considerado nesses países, e não ter como base a pesquisa estadunidense, como sugere Thussu (2015). As pesquisas sobre BRICS no âmbito jornalístico, com o objetivo de compreender como o agrupamento tem espaço para ser relatado, são importantes tanto para a área de comunicação, quanto para a área de negócios (principalmente Comércio Exterior), já que estudantes e profissionais dessas áreas precisam entender como o agrupamento é importante para o futuro econômico e social do Brasil.

Enfim, com essa pesquisa foi possível perceber que, quando o assunto é BRICS, as narrativas das reportagens em formato longo do site BBC Brasil não possuem profundidade e não são procedentes do Jornalismo Literário, segundo os dez pilares elaborados por Lima (2009), e também não possuem recursos multimídia, como os sugeridos por Longhi (2016). Além das descobertas, novas pesquisas foram vislumbradas a partir desta, o que sugere uma continuidade nesse campo.

A pesquisa realizada por Lewis, Hanc e Reid (2016) nos deixa perceber que ainda há uma reserva ao pensar em textos em longo formato aplicado ao jornalismo digital, uma vez que a maioria dos professores de Jornalismo Literário participantes da pesquisa alegou não utilizar a Internet para a prática do jornalismo *longform*, apesar de reconhecer a importância deste recurso na atualidade. Vale ressaltar que os pesquisadores referem-se ao jornalismo *longform* como sendo parte integrante do Jornalismo Literário, sobretudo nos ambientes digitais.

Finalmente, parece que, diferente do que ocorre com o jornalismo *longform*, cujas pesquisas caminham lentamente, as pesquisas em Jornalismo Literário estão presentes de forma mais visível na área da comunicação no mundo todo. Um exemplo é o estudo do pesquisador franco-americano John S. Bak (BAK; REYNOLDS, 2011), fundador da *International Association for Literary Journalism Studies* (IALJS), que analisa o Jornalismo Literário em países e culturas diferentes. Tanto que, no âmbito da própria revista científica da IALJS, por exemplo, foi encontrada uma única pesquisa sobre o *longform journalism* (MARINO, 2016).As demais referem-se ao fenômeno como Jornalismo Literário.

REFERÊNCIAS

ALVES, Daniela do Canto. Instituto indica tendências para jornalismo online –**Relatório do Instituto Reuters sobre pesquisa em mídia digital em 2015**. Disponível em: <http://www2.faac.unesp.br/blog/obsmidia/2016/07/21/instituto-indica-tendencias-para-jornalismo-online/#>. Acesso em: 15 out. 2017.

BAK, John S., REYNOLDS, Bill. **Literary Journalism across the Globe:** journalistic traditions and transnational influences. Boston: University of Massachusetts Press. 2011.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 2011.

BBC Brasil. **BBC Brasil nasceu em 1938 com notícia sobre Hitler**. Disponível em <http://www.bbc.com/portuguese/institutional/090120_expediente_tc2.shtml>. Acesso em: 18 nov. 2017.

_____. **Sobre a BBC**. Disponível em <http://www.bbc.com/portuguese/institutional-36202452>. Acesso em: 18 nov. 2017.

_____. **BRICS** – Pesquisa sobre as reportagens. Disponível em <http://www.bbc.com/portuguese/search/?q=BRICS>. Acesso em: 20 dez. 2017.

_____. **Qual é a relevância dos BRICS** - e quais são seus desafios para o futuro. Reportagem de Luis Barrucho. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-41115877>. Acesso em: 15 dez. 2017.

BRICLab. Center on Global Economic Governance, Columbia, USA, 2016. Disponível em: <cgeg.sipa.columbia.edu>, Acesso em 25 fev. 2018.

CARVALHO, Denise Ribeiro. **A Utilização de Elementos Multimídia no Jornalismo Digital** – Raio-X do Especial "Crime Sem Castigo – Tudo sobre o contrabando no Brasil" – da Folha de São Paulo. Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande, 2016. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/10405/1/PDF%20-%20Deise%20Ribeiro%20Carvalho.pdf>. Acesso em: 28 set. 2017.

COSTA, L. A. DA. **Gêneros jornalísticos**. In: Gêneros jornalísticos no Brasil. São Bernardo do Campo: Umesp, 2015. p. 43–83.

DALPIAZ, Jamile. **Da Convivência à Convergência das Mídias**: as Representações do Mundo na BBC Brasil. Intercom - GP Geografias da Comunicação do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação. 2009.

Educação-Literatura. Site Globo Educação. Sobre o livro: **A Alma Encantadora das Ruas**, de João do Rio. Disponível em: <http://educacao.globo.com/literatura/assunto/resumos-de-livros/a-alma-encantadora-das-ruas.html>. Acesso em: 10 mai.2017.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo Digital**. São Paulo: Contexto. 2014.

GIRARDI JUNIOR, Liráucio. **Teoria das mediações e estudos culturais**: convergências e perspectivas. Cásper Líbero. São Paulo. 2009. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/05/Teoria-das-media%C3%A7%C3%B5es-e-estudos-culturais.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2017

HOHLFELDT, Antonio e VALLES, Rafael Rosinato. **Conceito e História do Jornalismo brasileiro** na "Revista de Comunicação". Porto Alegre: EDIPUCRS. 2008.

JOYCE, S. N.; MARTINEZ, M. Os BRICS e as narrativas midiáticas: a proximidade entre as notícias e as telenovelas brasileiras. **Brazilian Journalism Research**, v. 12, n. 1, p. 82–101, 2016.

KRAMER, Mark. Tradução: Fred Linardi. Preparação e revisão: Sergio Vilas Boas. **Regras rompíveis do Jornalismo Literário**. Introdução da coletânea "*Literary Journalism: A New Collection of the Best American Nonfiction*". In: SIMS, N.; KRAMER, M. (Eds.). Ballantine Books. 1995. p. 21–34.

LEAL FILHO, Laurindo L. **Vozes de Londres:** memórias brasileiras da BBC. São Paulo: Universidade de São Paulo. 2008.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas:** O Livro-Reportagem como Extensão do Jornalismo e da Literatura. 4ª. Edição. Barueri: Manoel. 2009.

LONGFORM.ORG. Disponível em: <https://longform.org/>. Acesso em: 15 mai. 2017.

LONGHI, Raquel Ritter. **Longform, a qualidade como protagonista.** Revista Farol Jornalismo. 2016. Disponível em: <https://jornalismonobrasilem2017.com/longform-a-qualidade-como-protagonista-f9f9f3c39332>. Acesso em: 04 fev. 2018.

_____; WINQUES, Kérley. **O Lugar do Longform no Jornalismo Online**: Qualidade versus Quantidade e algumas Considerações sobre o Consumo. SBPjor / Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. 2015.

_____. **O *turning point* da grande reportagem multimídia.** Revista Famecos mídia, cultura e tecnologia. Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 897-917. 2014

MARINO, Jacqueline. **Reading Screens:** What Eye Tracking Tells Us about the Writing in Digital Longform Journalism. International Association for Literary Journalism Studies-IALJS. 2016. Disponível em: <http://ialjs.org/wp-content/uploads/2017/03/LJSv8i2_TEXTPAGES.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2018.

MARTINEZ, Monica. **BRICS, narrativas e sistemas midiáticos transnacionais:** a relação Brasil-Índia, 2018.

_____; PESSONI, Arquimedes; SILVA, Miriam C. C.; RIBEIRO, Vasco. **Assessoria de imprensa, narrativas midiáticas e saúde**: simbiose de fontes, jornalistas, leitores, personagens e afetos. Revista Intexto, Porto Alegre, UFRGS, n. 38, p. 197-224, jan./abr. 2017.

_____. **Jornalismo Literário:** Inovação e Tradição. Florianópolis: Insular. 2016.

MARTINEZ, M. Jornalismo Literário: revisão conceitual, história e novas perspectivas. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 40, n. 3, p. 21–36, dez. 2017.

_____; CORREIA, Eduardo Luiz; PASSOS, Mateus Yuri. **Entre fato e ficção:** personagens compostos e fictícios ou fraude em jornalismo? Estudos em Jornalismo e Mídia. Vol. 12 Nº 2. jul./dez. 2015.

_____. **O jornalista-autor em ambientes digitais:** A produção da jornalista Eliane Brum para o portal da Revista Época. Revista Comunicação Midiática, v.9, n.1, pp.56-77, jan./abr. 2014.

_____. **O novo capítulo 5**: jornalismo com alma. Líbero, v. XI, n. 22, p. 151–152, 2008.

MEDINA, Cremilda. Narrativas da Contemporaneidade: Epistemologia do Diálogo Social. **Revista Tríade**: comunicação, cultura e mídia. Sorocaba, SP, v.2, n.4, p.8-22, 2014.

MERISALO, Maria Lassila. Story First—Publishing Narrative Long-Form Journalism in Digital Environments. **Journal of Magazine & New Media Research**. Vol. 15, No. 2. aejmcmagazine.arizona.edu. 2014.

MITZI, Lewis; HANC, John; REID, Robin. **Establishing Long-Form Journalism in the Curriculum.** Association for Education in Journalism and Mass Communication Conference. 2016. Disponível em: <https://www.slideshare.net/m.lewis/aejmc-literary-journalism-presentation-2016>. Acesso em: 08 mar. 2018.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

_____. **A Análise Pragmática da Narrativa Jornalística**. INTERCOM. 2007. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/105768052842738740828590501726523142462.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2018.

NERONE, John. **Narrative News Story**. The International Encyclopedia of Communication. 2008. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/9781405186407.wbiecn002/full>. Acesso em: 05 fev. 2018.

O'NEIL, J. **Building better global economic BRICs**. Global Economics, 2001.

PAULINO, R. A. F.; NONATO, C.; GROHMANN, R. **As mudanças no mundo do trabalho do jornalista**. São Paulo: Salta/Atlas, 2013.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto. 2006.

RAMAPRASAD, Jyotika; PASTI, Svetlana. **Contemporary BRICS Journalism:** Non-Western Media in Transition. New York: Routledge. 2017.

REUTERS Institute for the Study of Journalism. **Digital News Report 2015.** Disponível em: <http://www.digitalnewsreport.org/survey/2015/media-coverage-for-the-2015-digital-news-report/>. Acesso em 21 dez. 2017.

SILVA, G.; SILVA, M. P. DA; FERNANDES, M. L. (EDS.). **Critérios de noticiabilidade:** problemas conceituais e aplicações. [s.l.] Insular, 2014.

SHARP, Naomi. The future of longform. **Columbia Journalism Review**. Disponível em: <https://archives.cjr.org/behind_the_news/longform_conference.php>. Acesso em: 05 fev. 2018.

THAROOR, Shashi. **BRICS e seu Soft Power**. Rising Power in Global Governance. 2016. Disponível em: <http://risingpowersproject.com/brics-soft-power/>. Acesso em: 15 dez. 2017.

THE FEATURE.NET. Disponível em: <http://thefeature.net/>. Acesso em 15 mai. 2017.

THUSSU, Daya K.; NORDENSTRENG Kaarle. **Mapping BRICS Media**. New York: Rputledge. 2015.

TODOROV, Tzvetan. **As categorias da narrativa literária.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1973.

_____. **As estruturas narrativas**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

SILVA, Miriam Cristina Carlos; HERGESEL, João Paulo. **Análise estrutural todoroviana do tecido narrativo confeccionado em "Record"**, direção de Mess Santos, 2014. Comunicação & Inovação, PPGCOM/USCS. v. 17, n. 35 (87-101) jul-dez 2016.

SCHREIBER, Mariana. **Pechincha em Shoreditch.** Disponível em: <http://piaui.folha.uol.com.br/materia/pechincha-em-shoreditch/>. Acesso em 08 mar. 2018.

VISENTINI, Paulo F. ADAM, Gabriel. **BRICS**: As potências Emergentes. Rio de Janeiro: Vozes. 2013.

WIKIPEDIA.ORG. Teoria Geral dos Sistemas. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_geral_de_sistemas>. Acesso em: 17 mai. 2017.

_____. **BRICS**. Disponível em: <https:// https://pt.wikipedia.org/wiki/BRICS>. Acesso em 14 jan. 2018.

REFERÊNCIAS DO CORPUS ANALISADO

BARRUCHO, Luis. Qual é a relevância dos Brics - e quais são seus desafios para o futuro. BBC Brasil, 2017. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/brasil-41115877. Acesso em: 04 mar 2018.

BBC Brasil. Brics competem para ganhar terreno na África. BBC Brasil, 2013. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/03/130326_brics_rc. Acesso em: 04 mar 2018.

COSTAS, Ruth. Brics: Quatro conquistas e um fracasso do grupo dos emergentes. BBC Brasil, 2015. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/07/150706_avancos_brics_ru. Acesso em: 04 mar 2018.

FREITAS-TAMURA, Kimiko de. Qual país vai puxar a recuperação da economia global? BBC Brasil, 2012. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/07/120717_economia_global_lk. Acesso em: 04 mar 2018.

SALEK, Silvia. Década de 2020 deve consolidar o poder dos BRICS. BBC Brasil, 2009. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2009/03/090330_bricsabertura_ss. Acesso em: 04 mar 2018.

SCHREIBER, Mariana. Para onde caminha o banco do BRICS? BBC Brasil, 2016. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/internacional-37665472. Acesso em: 04 mar 2018.

WALKER, Andrew. O que aconteceu com a economia dos Brics? BBC Brasil, 2014. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/11/141130_brics_atualiza_lab. Acesso em: 04 mar 2018.

WASSERMANN, Rogerio. BRICS não ameaçam hegemonia dos EUA, diz 'pai' da teoria do neoliberalismo. BBC Brasil, 2011. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/11/111125_joseph_nye_brics_rw. Acesso em: 04 mar 2018.

ANEXO A

BBC Entrar Menu

BRASIL

Notícias | Brasil | Internacional | Economia | Saúde | Ciência | Tecnologia | Aprenda Inglês

Década de 2020 deve consolidar poder dos BRICs

Silvia Salek *
Da BBC Brasil em Londres

30 março 2009 Compartilhar

Os anos 20 deste século podem marcar a consolidação do fortalecimento de países emergentes como potências econômicas e políticas, em um mundo cada vez mais multipolar. Segundo acadêmicos e instituições de pesquisa, os chamados BRICs (Brasil, Rússia, Índia e China) serão peças-chave dessa nova ordem.

Crescimento acelerado pode fazer dos BRIC potências econômicas e políticas

Para investigar que desafios cada país do BRIC terá pela frente, no caminho para se tornar uma potência em 2020, a BBC Brasil produziu uma série especial que começa a ser publicada nesta segunda-feira, reunido reportagens multimídia de nossos repórteres no Brasil e enviados especiais a Rússia, Índia e China.

Em 2020, com 3,14 bilhões de habitantes (40% da população mundial naquele ano, segundo projeções da ONU), eles devem chegar mais perto das economias do G-7, após terem crescido a taxas muito superiores às de nações ricas.

O National Intelligence Council, entidade do governo americano ligada a agências de inteligência, prevê que já em 2025 todo o sistema internacional - como foi construído após a Segunda Guerra Mundial - terá sido totalmente transformado.

"Novos atores - Brasil, Rússia, Índia e China - não apenas terão um assento à mesa da comunidade internacional, mas também trarão novos interesses e regras do jogo", afirma a instituição

"Muito provavelmente, por volta de 2020 vamos nos dar conta de que existe um equilíbrio muito maior no mundo em termos econômicos e políticos com o fortalecimento de países emergentes como China, Índia, Brasil e Rússia. Com um maior poder econômico, virá também um maior poder político e uma participação ativa desses países em organismos internacionais", disse à BBC Brasil Stephâne Garelli, professor da Universidade de Lausanne, na Suíça, e autor de um estudo que traça cenários para 2050.

Conceito complexo

O conceito de sistema multipolar é complexo e, ainda que boa parte dos analistas concorde que o mundo caminha para isso, o tempo que levará para que a China tenha voz no Fundo Monetário Internacional (FMI), o Brasil tenha um assento permanente no Conselho de Segurança da ONU ou o Banco Mundial seja dirigido por um russo ou indiano variam muito.

Mas a discussão já não se limita mais ao meio acadêmico. Diferentes aspectos do que pode vir a ser um mundo multilateral (ou multipolar) já começam a aparecer em discursos de autoridades que estão no centro do processo de tomada de decisões internacionais. Um exemplo recente vem de Gordon Brown, o primeiro-ministro britânico, que, às vésperas do encontro do G-20, em Londres, declarou no Brasil que "o tempo em que poucas pessoas mandavam na economia acabou".

Também às vésperas do encontro, o diretor-gerente do FMI, Dominique Strauss-Kahn, disse em entrevista a uma TV francesa que "soluções globais supõem que a governança de instituições como o FMI seja mais legítima, mais democrática, com espaço para os países emergentes e pobres".

Reunião do G-20

A reunião do G-20, grupo que une países emergentes aos países-membros do G-8, pode ser vista como um sinal dessas mudanças. A voz dos emergentes no cenário de crise ganha especial relevância.

Segundo boa parte dos analistas ouvidos pela BBC Brasil, eles não apenas serão menos afetados do que os países desenvolvidos pela crise, como também podem se recuperar mais rapidamente.

Essa possível recuperação mais rápida se baseia em alguns pilares que serão também propulsores do crescimento de longo prazo.

"A situação das economias desses países é muito diferente. Mas, de maneira geral, os BRIC estão mais bem posicionados para a recuperação do que muitas outras economias", disse Markus Jaeger, responsável por análises de longo prazo no Deutsche Bank.

Para Alfredo Coutinho, analista mexicano da agência Moody's nos Estados Unidos, a crise revela ainda a vulnerabilidade das economias desenvolvidas e deixa clara a necessidade de equilíbrio na economia global.

"É uma oportunidade para as economias emergentes, que devem liderar a recuperação", disse Coutinho.

Crise

Em entrevista à BBC Brasil, Jim O'Neill, economista-chefe do Goldman & Sachs, que criou a sigla BRIC em 2001, prevê que a crise até mesmo acelere a escalada dos emergentes, e diz que já em 2020 a economia desses quatro países encoste nas dos países do G-7, o grupo das atuais nações mais ricas do mundo.

Não faltam céticos em relação à projeção de O'Neill. John Bowler, diretor do Serviço de Risco por País (CRS na sigla em inglês) da Economist Intelligence Unit é um deles.

"Acho que esse processo será mais demorado. Há uma série de obstáculos à confirmação dessas projeções tanto no campo econômico quanto político", disse Bowler.

Apesar das ressalvas feitas por muitos dos ouvidos pela BBC Brasil, o "otimismo" de O'Neill não é isolado.

Um relatório da consultoria Ernst&Young, Global Megatrends 2009, por exemplo, afirma que "a fome de crescimento, junto com a rápida industrialização das economias e populações em expansão, põe os emergentes no caminho da recuperação mais rapidamente, e os países do BRIC são claramente os atores principais".

Essa fome de crescimento vem, em parte, da nova classe média que tem revolucionado o consumo nesses países. Segundo o Banco Mundial, 400 milhões de pessoas se encaixavam nessa categoria em 2005 nos países em desenvolvimento. Em 2030, deverão ser 1,2 bilhão de pessoas.

"A classe média, principalmente dos países do BRIC, será o novo motor da economia mundial", prevê Stephâne Garelli, da Universidade de Lausane e diretor do índice de competitividade, publicado pelo Institute of Management Development, que avalia 61 países em 312 critérios.

"É uma classe média ávida por comprar seu primeiro carro, seu primeiro celular de última geração. Não é conservadora como a classe média do atual mundo rico. Ela quer 'comprar felicidade'", acrescentou.

Padrão de vida

O valor do PIB dará posição de destaque a esses países no ranking global de economias, mas não será suficiente para levar as populações desses países a padrões de vida próximos ao dos países hoje considerados ricos.

O PIB per capita da Índia, por exemplo, deverá praticamente dobrar num período de 15 anos até 2020, segundo um estudo do departamento de pesquisas do Deutsche Bank. Ainda assim, representará apenas 40% da renda per capita nos Estados Unidos.

De olho em indicadores como o PIB per capita, Françoise Nicolas, economista do Instituto Francês de Relações Internacionais, prevê a ascensão das "superpotências pobres".

"Será um mundo multipolar bizarro. Os BRIC serão superpotências pobres com mais peso econômico, mas o discurso ainda não estará no mesmo nível dos países ricos", prevê Nicolas.

Além da pobreza, esses países enfrentam outros desafios, como a proteção ao meio ambiente.

"Eles querem ter maior poder de decisão e, ao mesmo tempo, em certas questões mo o meio ambiente, querem continuar a ser tratados como países emergentes, ue não podem cumprir as mesmas exigências dos ricos", disse Thomas Klau, hefe do escritório de Paris do Council of Foreign Relations.

Colaboraram nesta reportagem: Bruno Garcez, da BBC Brasil em Washington, aniela Fernandes, de Paris para a BBC Brasil, e Marina Wentzel, de Hong Kong ara a BBC Brasil

Compartilhar Sobre compartilhar

Voltar ao topo

ANEXO B

Brics não ameaçam hegemonia dos EUA, diz 'pai' da teoria do neoliberalismo

Rogerio Wassermann

Da BBC Brasil em Londres

Atualizado em 28 de novembro, 2011 - 16:58 (Brasília) 18:58 GMT

Dez anos após a criação do acrônimo Bric, os países do grupo não formam um bloco coeso e não são capazes de criar uma aliança para ameaçar a hegemonia dos Estados Unidos no mundo, na avaliação de um dos mais importantes teóricos das relações internacionais.

Joseph Nye Jr. é um dos mais importantes teóricos globais das relações internacionais

Joseph S. Nye Jr., atual professor emérito da escola de governo da Universidade Harvard, nos Estados Unidos, é o co-fundador da teoria do neoliberalismo e criador do conceito de "soft power", que define a capacidade de um país atingir seus objetivos por meio da influência de seus valores, cultura e política, em lugar do uso da força militar.

Para ele, os países do grupo são capazes de rivalizar pontualmente com os Estados Unidos de maneira individual, como no caso da crescente influência brasileira sobre a América Latina, mas não representam um contraponto real aos americanos como um bloco, por conta das diferenças de interesses entre seus membros.

"Se a questão é se eles podem criar uma aliança contra os Estados Unidos, um bloco coeso, a resposta é não", disse ele em entrevista à BBC Brasil.

O acrônimo Bric foi criado há dez anos pelo britânico Jim O'Neill, então economista-chefe do banco Goldman Sachs, incluindo Brasil, Rússia, Índia e China, os quatro gigantes com crescimento econômico acelerado. Posteriormente, o grupo foi institucionalizado pelos países, com a entrada posterior da África do Sul (o "s" acrescentado ao final do acrônimo), neste ano.

Nye, que foi secretário-assistente de Defesa no governo Bill Clinton, vê a Rússia como uma peça anômala no grupo, por ser "uma força em decadência, não emergente", e afirma que Brasil e Índia têm mais capacidade de exercer "soft power" do que a China, a maior economia e maior força militar do grupo, por serem países democráticos.

Para ele, os Brics não vão acabar, mas terão um papel limitado como "uma organização frouxa para coordenação diplomática".

Leia a seguir a entrevista concedida por Nye à BBC Brasil, por telefone:

Notícias relacionadas

Especial BRICs 2020

Institucionalização política dos BRIC não faz sentido, diz do termo

Economia da China é mai de Brasil, Rússia, Índia e Sul somadas

Tópicos relacionados

Internacional

BBC Brasil - Os Brics podem representar uma grande força política global?

Joseph S. Nye Jr. - Não creio que possam ser uma grande força como uma organização coesa. Os interesses dos países são bem diferentes entre eles quando analisamos os detalhes.

Acho que individualmente, a China, a Índia e o Brasil terão papéis muito importantes. Já a Rússia não creio que realmente pertença a esse grupo. A Rússia é uma força em decadência, não uma força emergente.

Criado por economista, BRICS vêm se institucionalizando desde 2008

BBC Brasil - E individualmente, eles são capazes de rivalizar com os Estados Unidos em termos de dominação mundial?

Nye - O papel da China do leste da Ásia é comumente visto como um desafio à presença americana no Mar do Sul da China. Se olharmos para o Brasil, o país quer ter sua própria influência sobre a América do Sul, para contrapor à influência dos Estados Unidos.

Mas se a questão é se eles podem criar uma aliança contra os Estados Unidos, um bloco coeso, a resposta é não.

Há diferenças muito profundas, por exemplo, nos interesses da Índia e da China. A Índia está muito contente em ter boas relações com os Estados Unidos para conter o poder crescente da China.

BBC Brasil - Pode haver algum outro grupo de países emergentes que poderiam criar um grupo coeso para se contrapor aos Estados

Nye - Depende do que considerarmos por desafiar. Se falarmos em um grupo de países capazes de se unir na Organização das Nações Unidas para evitar a aprovação de uma resolução apoiada pelos Estados Unidos, claro. Isso já acontece hoje.

Mas se formos para o outro extremo, será que um grupo de países poderia formar uma aliança militar para rivalizar com o poderio americano? Os Estados Unidos representam quase metade dos gastos militares mundiais. É difícil conceber qualquer outro grupo de países que possam ser capazes até mesmo de chegar perto do tipo de gastos militares necessários para rivalizar militarmente com os Estados Unidos.

Então, novamente, depende do que consideramos desafio. Em um sentido, isso já existe, mas em outro sentido isso não parece muito provável.

BBC Brasil - Os Brics são capazes de transformar o aumento da importância econômica em soft power?

Falta de coesão entre os BRICS são empec consolidação como contraponto aos EUA,

Nye - Muitos desses países já dispõem de soft power e estão interessados em aumentá-lo. O Brasil tem soft power, que vem de sua cultura e seu sucesso crescente. A Índia tem a indústria de cinema de Bollywood, que é bastante impressionante.

Na China, o presidente Hu Jintao já disse que o país deveria aumentar seu soft power. O governo chinês está investindo bilhões de dólares para isso.

Mas o Brasil tem uma vantagem, como tem a Índia, de ser democrático, e portanto ser capaz de usar sua sociedade civil para gerar soft power.

A China tem o problema de ser autocrática, o que significa que quando eles tentam aumentar seu soft power, eles normalmente tentam fazer de sua própria maneira.

Um bom exemplo disso foi quando prenderam Liu Xiaobo e o impediram de ir à cerimônia de entrega do Prêmio Nobel da Paz. Então todos viram a cena pela televisão no mundo todo da cadeira vazia em Oslo. Mas isso tira soft power, em vez de construí-lo.

BBC Brasil - A atual crise na União Europeia pode criar um vazio no balanço global de forças que possa ser preenchido pelas nações emergentes?

Nye - Acho que os países emergentes aumentarão sua influência independentemente do que acontecer com o euro. Países como a China, a Índia e o Brasil vão aumentar sua parcela do produto mundial se o euro se mantiver ou não. Mas particularmente, se o euro entrar em colapso, o primeiro efeito disso seria provavelmente o fortalecimento do dólar, não do yuan ou de qualquer outra moeda de país emergente.

O colapso do euro, se acontecer, provavelmente vai fazer com que os investidores, em busca de um refúgio seguro, se voltem ainda mais para o dólar do que para moedas de países emergentes.

BBC Brasil - Que futuro o sr. vê para os Brics?

Nye - Acho que há um futuro para os Brics como uma organização frouxa para coordenação diplomática. Há algumas questões sobre as quais é conveniente para eles se sentarem juntos para conversar sobre a coordenação de uma posição.

Para Nye, BRICS devem se manter como 'organização frouxa para coordenação diplomática'

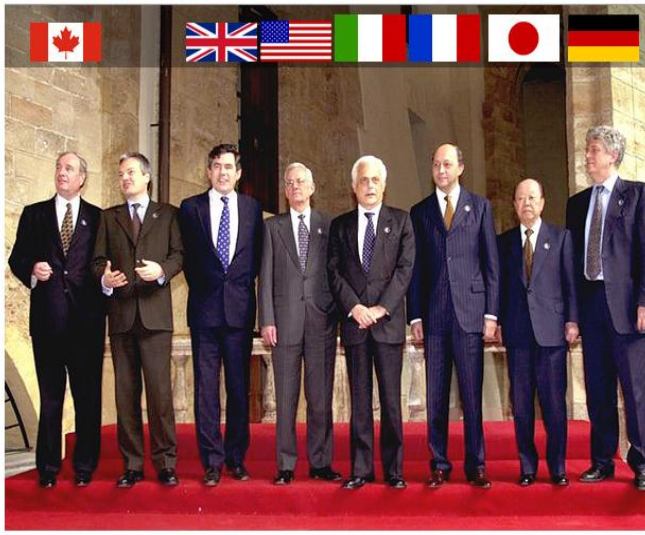
Mas o problema que eu vejo com os Brics é que ao ir além desse nível, você vê que há interesses bem diferentes entre os países.

Por exemplo, o Brasil e a China tem visões diferentes sobre o valor do yuan (a moeda chinesa). O Brasil está descontente com a política chinesa de manter sua moeda desvalorizada. O país não gosta de falar muito sobre isso, porque não quer destruir o clima das reuniões dos Brics. Mas há uma diferença clara de interesses aí.

BBC Brasil - O sr. acredita que essas tensões internas entre os países, como também no caso das demandas entre Índia e Brasil por um assento permanente no Conselho de Segurança da ONU, possam levar ao desmantelamento do grupo?

Nye – Não acho que ele possa acabar, porque é conveniente para alguns fins diplomáticos. Mas seu exemplo do Conselho de Segurança parece ser um bom exemplo do porquê o grupo não deve se desenvolver além disso.

Quem manda somos nós!



Os ministros das Financas do G7. Palermo 2001

Em 2001, importantes temas econômicos foram discutidos na reunião do G7: Canadá, Grã-Bretanha, EUA, Itália, França, Japão e Alemanha (O ministro das Finanças da Bélgica também foi convidado).

ANEXO C

Qual país vai puxar a recuperação da economia global?

Kimiko de Freytas-Tamura
Repórter de Negócios, BBC News

17 julho 2012

Compartilhar

No rescaldo da crise financeira global, países como Alemanha, China e Brasil foram os motores que mantiveram a economia global em expansão. Mas, dados recentes de seu desempenho sugerem que eles estão perdendo força.

O Banco Mundial prevê uma recuperação econômica branda, com um crescimento global médio na casa de 2,5%.

Mas dentro desse cenário há uma clara diferença entre países em desenvolvimento, que devem crescer cerca de 5,3%, e economias desenvolvidas, onde a taxa média deve ser de 1,4%.

Já o FMI espera um crescimento global na casa dos 3,5%. Para o órgão, economias em desenvolvimento devem crescer 5,6% enquanto os países desenvolvidos devem atingir taxas de 1,4%.

Leia abaixo uma seleção de condições e perspectivas para as principais economias do mundo. Qual deverá ser a nação capaz de puxar a recuperação da economia global?

China

- No segundo trimestre deste ano, seu crescimento diminuiu para 7,6%.
- A meta de crescimento anual caiu para menos de 8% pela primeira vez nos últimos dez anos.

O crescimento do PIB no segundo trimestre aponta para continuidade da desaceleração da potência asiática.

O crescimento caiu para 7,6% no período entre abril e junho - seu pior ritmo desde o início da crise global e abaixo da expectativa anual do governo e do FMI (Fundo Monetário Internacional), de 8%.

China tenta escorar economia após anos de crescimento descontrolado

O país é considerado o maior mercado de exportação para muitas empresas - como BMW, Carrefour e Burberry - e a desaceleração deve prejudicá-las.

O arrefecimento do crescimento na China e na Índia indica que os países de toda região asiática devem seguir pelo mesmo caminho de desaceleração (exceto pela Tailândia e pelas Filipinas, que se beneficiam de custos mais baixos de mão de obra e atraíram empresas estrangeiras).

Em março, Pequim reduziu sua meta de crescimento anual para 7,5% - sendo que desde 2004 o índice não caía para um patamar menor que 8%.

Além disso, recentemente, o Banco Central da China cortou as taxas de juros duas vezes em menos de um mês - com o objetivo de sustentar o crescimento.

A China gozava de um superaquecimento de sua economia impulsionado por uma bolha imobiliária e por investimentos do governo em projetos de infra-estrutura.

A economia chinesa está agora sobrecarregada com excesso de capacidade, aumento da dívida e acúmulo de estoques nos armazéns.

Zona do euro

- Taxa de desemprego: 11,1%
- Mais de 3 milhões de de pessoas com idades entre 15 e 24 anos estão desempregadas
- A economia da zona do euro deve retrair 0,3% neste ano
- O PIB da Alemanha deve crescer 1% neste ano, segundo o FMI

A zona do euro está dividida entre os países nortistas relativamente mais ricos (Alemanha, Holanda, Finlândia e França) e os sulistas atolados em crises (Grécia, Itália, Portugal e Espanha).

Economia da zona do euro deve retrair 0,3% neste ano; taxa de desemprego chega a 11,1%

O euro atingiu seu patamar mais baixo em dois anos em relação ao dólar. Os investidores se preocupam com resultados fracos e planos de resgate para países em crise - incluindo o mais recente, que pretende salvar os bancos da Espanha.

O Banco Central Europeu pela primeira vez reduziu valores de taxas para menos de 1%, em uma tentativa de incentivar empréstimos corporativos e domésticos.

Para tranquilizar investidores, a Espanha anunciou uma nova rodada de medidas de austeridade que incluem aumento de impostos e cortes de gastos.

Até a Alemanha, que gozou de baixos índices de desemprego graças à sua competente indústria manufatureira, foi incapaz de se manter longe da crise da dívida que assola a região.

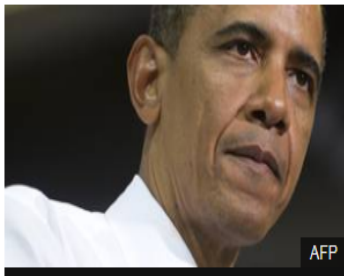
Atualmente, até seu mercado de trabalho vem demonstrando desenvolvimento mais lento. O índice de desemprego aumentou por três meses consecutivos, atingindo 6,8% em junho.

Enquanto isso, as exportações alemãs para a China, que atingiam dois dígitos, agora estão em 6%.

Estados Unidos

- Os EUA enfrentam um "abismo fiscal" com o fim das reduções fiscais
- A taxa de desemprego está em 2%
- O PIB deve crescer 2% em 2012

A economia dos EUA teve um crescimento de apenas 80 mil empregos em junho - o que indica uma fraqueza persistente no mercado de trabalho, fator que pode prejudicar as chances de reeleição do presidente Barack Obama.



EUA sofrem com divergências sobre criação de plano para evitar resultados ruins na economia

A taxa de desemprego ficou presa em 8,2% (para os negros chegou a 14,4%).

Como os países europeus, os EUA acumulam dívidas que chegam a 70% de seu PIB.

O país também se aproxima de um "abismo", na medida em que combina aumento de impostos e cortes de gastos programados para o próximo ano.

O resultado deve ser uma recessão provocada pela austeridade. Segundo o senador democrata Max Baucus, essa política pode levar a uma crise fiscal semelhante à vivenciada pela Europa.

Além disso, semelhante às divergências que ocorrem na zona do euro, republicanos e democratas têm sido incapazes de chegar a acordo sobre um pl para evitar o resultado desanimador.

Segundo projeção do FMI, a economia americana deve crescer 2% neste ano - índice mais baixo que o esperado em outras economias desenvolvidas, como o Japão (2,4%) e o Canadá (2,1%).

Para estimular o crescimento, os EUA têm tomado medidas pouco ortodoxas co a operação Twist, um programa de compra de títulos que visa derrubar o valor d hipotecas e das taxas de empréstimo.

Brasil

- O FMI prevê crescimento do PIB de 2,5% em 2012
- A inadimplência de empréstimos aumentou para 6% em maio

Gastos governamentais e exportação de commodities, como soja e minérios, para países da Ásia impulsionaram o Brasil para a posição de 6º economia do mundo.

Fabricante de aviões Embraer é símbolo do crescimento econômico brasileiro

Mas o alto ritmo de crescimento, que chegou a atingir 7,5% em 2010, parece ter perdido a força.

A economia estagnou em maio, após uma queda inesperada de vendas no varejo - tornando o desempenho do Brasil o pior entre os Brics.

O FMI prevê para o país um crescimento de 2,5% neste ano - índice inferior à média mundial de 3,5%. O Banco do Brasil espera um resultado abaixo de 2,5%.

A queda nas vendas do varejo deu origem a temores sobre o modelo de crescimento puxado pelo consumo interno, que vem sendo incentivado por rendas maiores e crédito fácil.

A quantidade de empréstimos não pagos atingiu um pico em maio, mostrando como os brasileiros estão lutando cada vez mais para manter suas dívidas sob controle.

Isso levou o Bando Central a reduzir a taxa de juros para 8% (a oitava queda consecutiva).

Índia

- A inflação atingiu o patamar mais alto entre os Brics
- A produção industrial cresceu 2,4% em maio

A economia da Índia cresceu a uma taxa anual de 5,3% entre janeiro e março, seu ritmo mais lento em nove anos.

Lidar com a inflação crônica é um dos maiores desafios da economia indiana atualmente

A inflação tem sido uma das maiores preocupações dos formuladores de políticas da Índia nos últimos dois anos.

O Banco Central indiano tomou várias medidas na tentativa de controlar o aumento dos preços, incluindo treze aumentos da taxa de juros desde março de 2010.

De acordo com dados divulgados na semana passada, o índice de preços no atacado da Índia (a principal medida de preços ao consumidor no país) subiu 7,55% em maio em relação ao ano anterior - o índice mais elevado entre os Brics.

Analistas afirmam que a combinação de desaceleração do crescimento e alta inflação tornou difícil para o Banco Central do país formular suas políticas. Cortes nas taxas de juros poderiam estimular o crescimento, mas devem tornar a inflação pior.

O PIB do país crescerá 6,1% em 2012, segundo o FMI. O governo se comprometeu a atrair mais investimento estrangeiro e acelerar projetos de infra-estrutura e energia.

Japão

- O país está se recuperando das grandes catástrofes do ano passado
- Os exportadores estão preocupados com os problemas da zona do euro e com a desaceleração da economia americana
- O crescimento do país neste ano deve chegar a 2,4%, segundo FMI

O Japão, que chegou a ser a segunda economia do mundo, está se recuperando do terremoto seguido de tsunami e da crise nuclear do ano passado.

Aumento massivo das importações é desafio para a segunda economia do mundo

Dados recentes mostraram que o Japão, um dos principais exportadores do mundo, não estava exportando tanto quanto costumava.

Na verdade, estava importando massivamente - incluindo um gasto adicional com energia devido à paralisação das centrais nucleares.

A moeda forte também prejudicou os exportadores, pois tornou seus produtos mais caros para compradores estrangeiros.

Porém, o ânimo do país está melhorando. A pesquisa Takan mostrou que a indústria manufatureira está menos pessimista em relação aos negócios.

O FMI prevê um crescimento de 2,4% para o país em 2012 e 1,5% em 2013.

Compartilhar Sobre compartilhar

Voltar ao topo

ANEXO D

BBC Entrar Menu

BRASIL

Notícias | Brasil | Internacional | Economia | Saúde | Ciência | Tecnologia | Aprenda Inglês

Brics competem para ganhar terreno na África

26 março 2013 Compartilhar

Para os habitantes da cidade de Durban – onde nesta terça e quarta-feira ocorre a quinta reunião de cúpula entre Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, os Brics – um empreendimento vem à mente quando o assunto é o aumento da presença dos países emergentes na África do Sul: o "Shopping Center China".

China lidera investimentos na África, mas influência do Brasil ainda é relativamente modesta

Com 40 mil metros quadrados e mais de 400 lojas, esse megacentro comercial inaugurado há sete anos (e expandido três vezes) fica aberto sete dias por semana para vender os mais variados tipos de produtos com apenas dois aspectos em comum - preços acessíveis e a etiqueta que informa: "Made in China".

O Shopping Center China – com filial em Johanesburgo – é a face mais visível do fenômeno que ganha força e tornou-se um dos principais temas da cúpula dos Brics: a corrida da China e dos outros países do clube de emergentes para "fincar o pé" na África, ocupando espaços que tradicionalmente pertenciam a potências coloniais europeias.

Se no passado os europeus brigavam pelo direito de explorar terras e jazidas minerais do continente, agora, cada vez mais, são os Brics que disputam os recursos naturais e os mercados africanos.

"É natural haver um acirramento na disputa por alguns filões de negócios entre os países emergentes, conforme os investimentos na África cresçam", disse à BBC Brasil Wayne Morris, diretor da consultoria africana GSEC e membro do conselho da Brand South Africa, entidade que cuida da imagem e promoção de negócios da Africa do Sul.

"Os indianos e os chineses são os que têm presença mais forte na África do Sul, por exemplo – e entre eles já há disputa. O Brasil e a Rússia também estão ampliando sua presença em outros lugares. Mas a competição entre esses países têm tudo para ser saudável – para eles e, principalmente, para a África que terá mais opções de investimentos", acredita.

Harry Shmelzer, presidente da WEG - empresa brasileira líder do mercado de motores elétricos que há três anos tem uma fábrica com 600 funcionários na África do Sul (embora faça negócios com o país há mais de três décadas)- , disse à BBC Brasil que a concorrência com os chineses em sua área já é acirrada.

"Os chineses oferecem uma concorrência agressiva aqui e em outros lugares – mas já sabemos que precisamos estar preparados para isso", diz ele.

Presença dos Brics

Segundo um estudo do sul-africano Standard Bank (banco no qual hoje os chineses têm uma participação de 20%), na última década o volume de trocas comerciais dos Brics com a África aumentou dez vezes, chegando a US$ 340 bilhões – mais que o comércio entre os demais países do grupo (de US$ 310 bilhões)

A China é sem dúvida o país dos Brics cujos negócios mais avançaram no continente africano nos últimos anos, principalmente em função do interesse chinês por recursos naturais. Só o comércio com a África aumentou 20 vezes de 2002 a 2012, passando dos US$ 200 bilhões – o que em parte explica o sucesso do Shopping Center China e outros empreendimentos similares. Segundo estimativas do governo chinês, o país teria um estoque de investimento na África de US$ 20 a US$ 40 bilhões.

A Índia também teve um aumento substancial dos investimentos na região nos últimos anos, apostando em áreas como agricultura, telecomunicações e o setor automobilístico, principalmente no sul e no sudeste sul-africanos. A Rússia tem investimentos na Tunísia, Nigéria, Uganda e África do Sul. Já o Brasil, tem uma presença cada vez mais forte na África lusófona – Moçambique e Angola – embora empresas como a Marcopolo, a Weg e a Camargo Correa também estejam presentes na África do Sul.

Moçambique abriga empreendimentos da Vale e da Odebrecht, uma das maiores empregadoras locais, e Angola é o maior receptor dos investimentos brasileiros no continente (seriam R$ 7 bilhões, segundo estimativas de 2011 da Associação de Empresários e Executivos Brasileiros em Angola). Empresas como Petrobras e as construtoras Odebrecht e Andrade Gutierrez têm operações sólidas no país há muitos anos.

Além disso, Angola é também a principal receptora de investimentos da China na África – então já é natural que brasileiros e chineses tenham de competir para ganhar a licitação de projetos de infra-estrutura e exploração de recursos naturais.

"Nossos investimentos ainda estão muitos concentrados nesses dois países. Comparando com os indianos e chineses, acho que os brasileiros estão perdendo oportunidades no continente africano em função de um certo receio dos empresários em explorar o continente", acredita Roberto Paranhos do Riobranco, presidente da Câmara de Comércio Brasil-Índia que está na África do Sul para participar do encontro de empresários que acompanha a cúpula dos Brics.

'Representação'

Não foi à toa que os investimentos dos Brics na África se tornaram um dos principais temas do encontro do clube dos emergentes em Durban, como explicou à BBC Brasil Oliver Stuenkel, professor da Fundação Getúlio Vargas que está na África do Sul participando de uma série de debates acadêmicos paralelos ao encontro.

Africanos preferem investimento 'cooperativo' dos Brics ao 'colonialista' dos europeus

A África do Sul foi incluída nos Brics em 2010 - antes disso o grupo era chamado de Bric. Stuenkel diz que o país obteve sucesso em sua candidatura ao clube dos emergentes, apesar do tamanho de sua economia ser equivalente a de uma Província chinesa, ao se apresentar como um "representante" ou um "interlocutor" para a África frente aos outros quatro países.

"A verdade é que se a África (continente) fosse um país, certamente seria um Brics. O tamanho de sua classe média é comparável a indiana e está se expandindo. Além disso, muitas partes do continente têm crescido em um ritmo acelerado", diz Stuenkel. "Mas é difícil pensar que a África do Sul possa falar p todos os países da região."

Três fatores tornam a África atrativa para investimentos dos Brics. Primeiro, a presença de grandes jazidas de minérios, petróleo e outros recursos naturais valiosos no continente. Segundo, o grande crescimento da classe média africana e aumento do consumo provocado por tal enriquecimento. Por fim, a previsão de gastos bilionários no setor de infraestrutura em países que recém adquiriram estabilidade política e econômica, mas nos quais faltam estradas, portos, aeroportos, etc.

Segundo o FMI, sete dos dez países que mais crescem no mundo estão na Áfric E ainda que isso ocorra porque tais países partem de uma base muito baixa de desenvolvimento econômico, para muitos empresários dos Brics tal crescimento significa bons negócios e margens de lucro satisfatórias para compensar os risco africanos.

Novo colonialismo?

Durante a cúpula em Durban, o presidente sul-africano Jacob Zuma irá mediar uma série de encontros entre países do Brics e outros líderes africanos. Nas preparações para o encontro, porém, o que chamou mais a atenção em seu discurso sobre os investimentos do Brics foi uma aparente expectativa de que ele sejam "cooperativos", diferente dos investimentos europeus – que segundo o líde sul-africano seriam "colonialistas".

Uma semana antes do encontro, durante uma conferência sobre temas educacionais, Zuma prometeu: "Os Brics vão contribuir imensamente para satisfazer as necessidades dos jovens da África do Sul de encontrarem trabalho."

A promessa foi feita dias depois de o presidente sul-africano ter dado uma entrevista ao jornal britânico *Financial Times* na qual exortou as empresas europeias a mudarem seu "velho estilo colonialista na África", lembrando que agora o continente tem a "alternativa" dos Brics.

"Os Brics pretendem apoiar os esforços da África para acelerar a diversificação e modernização de suas economias através do desenvolvimento de infraestrutura, troca de conhecimento, acesso a tecnologias, construção de novas capacidades e investimento em capital humano", diz um documento oficial do encontro, divulgado pelo governo sul-africano.

Para alguns analistas, porém, as expectativas de Zuma podem não ser atendidas. Marcos Troyjo, do laboratório sobre Brics da Universidade de Colúmbia, nos Estados Unidos, por exemplo, lembra que os chineses são conhecidos por um estilo "agressivo" de fazer investimentos – importando matéria prima e até trabalhadores da China para levantar obras de infraestrutura em países africanos.

Além disso, seu interesse maior seria a extração de recursos naturais da África e a venda de produtos chineses para o continente, atividades que não são conhecidas por sua ampla geração de empregos qualificados (apesar de o Shopping Center China dizer que emprega um total de 1.600 pessoas).

'Moderar otimismo'

Jim O'Neill, economista conhecido por criar o termo Bric em 2001, concorda que é preciso moderar o otimismo com os investimentos dos Brics: "Não há como garantir que multinacionais desse ou daquele país vão se comportar de forma diferente. Empresas globais enfrentam os mesmos desafios para se adaptar às regras locais e ao final têm o mesmo objetivo, que é conseguir retorno para seus investimentos", diz.

No caso dos investimentos brasileiros, analistas e empresários costumam enfatizar as diferenças de "estilo" em relação aos chineses. As empresas do país seriam mais flexíveis e mais dispostas a se adaptar à cultura e realidade local, contratando trabalhadores africanos, por exemplo. Mas em Durban alguns empresários e executivos brasileiros que não quiseram se identificar também expuseram para a BBC Brasil o receio de que o governo sul-africano esteja esperando demais das empresas.

"Não dá para querer que as companhias estrangeiras façam todo o trabalho para desenvolver a África", disse um deles. "Os africanos também precisam fazer suas obrigações e investir mais na formação de trabalhadores e racionalização da burocracia de seus países para compensar os riscos e contratempos de se investir no continente – que ainda existem e são muitos."

Para explica o consultor Wayne Morris, da Brand South Africa, "não há como negar que existe um debate sobre os 'elementos colonialistas' dos investimentos dos Brics, e em especial dos chineses."

"A África do Sul e os outros países do continente estão plenamente cientes desses riscos", diz. Ele lembra, porém, que por muito tempo países africanos atraíram o interesse apenas de países desenvolvidos e que a aprovação de empréstimos para projetos de infraestrutura por entidades como FMI e Banco Mundial era condicionada à adoção de reformas neoliberais.

"A grande novidade é que agora temos mais opções e ao menos podemos discutir as condições dos investimentos e empréstimos com empresas e países de 'igual para igual' – o que nos dá uma margem de manobra que não tínhamos no passado para evitar esses riscos", opina.

Compartilhar Sobre compartilhar

Voltar ao topo

ANEXO E

BBC Entrar Menu

BRASIL

Notícias | Brasil | Internacional | Economia | Saúde | Ciência | Tecnologia | Aprenda Ing

O que aconteceu com a economia dos Brics?

Andrew Walker
Analista de economia do Serviço Mundial da BBC

30 novembro 2014 Compartilhar

Países dos Brics enfrentam dificuldade econômicas

Em 2001, os Brics foram considerados países que poderiam remodelar a economia mundial.

Brasil, Rússia, Índia e China -na época o grupo não incluía a África do Sul- foram identificados como economias grandes e de crescimento rápido que teriam papeis globais cada vez mais influentes no futuro.

Mas a desaceleração econômica pela qual o Brasil está passando se repete em todo o grupo. O que aconteceu com estas economias?

Leia mais: País sai de recessão técnica, mas ritmo de recuperação decepciona

Hoje, China e Rússia são possivelmente as mais preocupantes para o resto do mundo no curto prazo. Podem provocar uma reformulação séria e bastante indesejável.

No caso da China, há o risco de a desaceleração econômica se transformar em algo mais prejudicial para a economia mundial. Com a Rússia, há a possível consequência econômica do conflito na Ucrânia.

A desaceleração da China aconteceria mais cedo ou mais tarde. Na verdade, é notável que não tenha vindo antes.

A China tem registrado taxas extraordinárias de crescimento econômico há muito tempo - uma média de 10% ao ano nas últimas três décadas.

Mas este crescimento é baseado em taxas muito elevadas de investimento, atualmente em 48% da renda nacional ou PIB.

Brasil e Rússia dependem em parte de exportação de commodities

Quando o investimento é alto assim, há sempre o risco de que muitos projetos acabem sendo um desperdício ou não rentáveis, minando as finanças dos próprios investidores e de qualquer pessoa que tenha emprestado dinheiro a eles.

Poucos países têm taxas de investimento mais altas do que as chinesas -e nenhum deles têm muito a ensinar para a China. São eles Butão, Guiné Equatorial, Mongólia e Moçambique.

Outro fator que ajuda a entender o crescimento chinês é a exportação.

Mas não é possível depender disso atualmente, quando o resto do mundo ainda luta para se recuperar da crise financeira.

Transição chinesa

O que o governo chinês quer fazer é avançar no sentido de um crescimento econômico um pouco mais lento e mais influenciado por venda de bens e serviços para os consumidores chineses.

Taxa de crescimento anual dos BRICS e dos países desenvolvidos

Fonte: Calculado a partir da base de dados World Economic Outlook do FMI (out 2014)

BBC WORLD SERVICE

A desaceleração está acontecendo. Já nesta década, a taxa média de crescimento caiu em mais de dois pontos percentuais.

O homem que inventou o termo "Brics", Jim O'Neill, então da Goldman Sachs, acredita que a transição pode ser gerida sem muita turbulência.

Outros são mais cautelosos.

O professor Kenneth Rogoff, da Universidade de Harvard, diz que a desaceleração da China é ao mesmo tempo inevitável e desejável, mas adverte: "Não é fácil conter o crescimento gradualmente sem provocar problemas generalizados de projetos de investimentos ambiciosos."

Ele diz que, se o crescimento chinês entrar em colapso, a queda global poderia ser muito pior que a causada por uma recessão normal nos EUA.

Já a Rússia é uma história diferente.

Seu impacto econômico potencial sobre o resto do mundo em um futuro próximo está altamente relacionado com questões políticas.

O conflito na Ucrânia já prejudicou a Rússia economicamente.

As sanções impostas pelo Ocidente e o receio entre os investidores de que elas possam aumentar agravaram uma desaceleração que ocorreria de qualquer maneira.

O país já perdeu US$ 85 bilhões este ano, de acordo com dados do Banco Central.

A Rússia é muitas vezes criticada por ter um ambiente de negócios difícil, devido à burocracia e incertezas sobre o sistema legal.

O FMI já falou disso antes, e Jim O'Neill também afirma que a Rússia precisa de normas confiáveis de direito empresarial.

Os problemas da Rússia já tiveram impacto econômico além de suas fronteiras, notadamente na Alemanha.

As exportações para a Rússia caíram acentuadamente - o que é um fator importante por entender por que a Alemanha está perto da recessão.

Olhando para o futuro, o FMI também advertiu que "riscos geopolíticos", ou seja, a crise na Ucrânia e no Oriente Médio, são algumas das principais ameaças para a recuperação da economia global que já é, nas palavras do próprio FMI, "fraca e desigual".

Força da Índia

Outros dos Brics com problemas claros é o Brasil - apesar de o país representar menos perigo no contexto global.

Leia mais: Levy é confirmado para Fazenda, mas analistas questionam se terá autonomia

Assim como a Rússia, é uma economia em que as exportações de commodities desempenharam um papel importante para os bons resultados da década de 2000.

Na Rússia, o que se exportava era de petróleo e gás. Já o Brasil tem minério de ferro e commodities agrícolas como soja, café e açúcar.

Criador do conceito de Brics defende que Brasil dependa menos de commodities

Jim O'Neill diz que ambos precisam tomar medidas para tornarem-se menos dependentes do setor de commodities.

Devem melhorar a sua competitividade de trabalho, diz, e se tornarem mais atraentes para o investimento privado em outras indústrias.

Entre os países do Bric original - que não inclui a África do Sul -, a Índia aparentemente é o que está causando menos ansiedade nos mercados financeiros e instituições econômicas internacionais no momento.

O crescimento ganhou força este ano, embora esteja muito aquém daquele da década anterior.

Muitos investidores receberam bem o novo governo de Narendra Modi, que assumiu o cargo em maio.

"Estou mais otimista do estive por algum tempo sobre a Índia", diz Jim O'Neill.

Então, os Brics estão desmoronando?

É bom lembrar de onde este conceito veio. Ele apareceu pela primeira vez em um artigo escrito em 2001 por Jim O'Neill.

Não era um grupo, mas apenas uma maneira conveniente, com uma sigla agradável, para detectar tendências importantes.

Somente anos depois os países começaram a fazer cúpulas anuais e, nesta fase inicial, o grupo não incluia a África do Sul. O "s" no final de Brics aparecia apenas como um plural.

Alcançando o crescimento

O objetivo do trabalho era mostrar o papel cada vez mais influente que esses países desempenhariam na economia global pelos próximos 10 anos, e argumentar que a cooperação econômica internacional deveria mudar para refletir esta realidade diferente. E isso ocorreu.

Desde 2008, um dos fóruns-chave para questões de política econômica tem sido o grupo G20, que inclui todos os Brics entre os seus membros.

Os Brics eram as maiores economias emergentes. Não havia nenhum país africano quando a ideia foi usada pela primeira vez, e em termos do seu peso econômico a África do Sul estava bem atrás dos outros, e também de alguns que não foram incluídos, como a Indonésia e o México.

Um artigo de acompanhamento de dois outros economistas do Goldman Sachs estendeu a análise até 2050 e sugeriu que os Brics, em conjunto, poderiam ser maiores que os seis principais países industrializados somados em 2039.

A rigor, os artigos do Goldman Sachs não eram previsões. Eram retratos de como o mundo poderia ser se os países crescessem o quanto podem.

As taxas de crescimento previstas eram muito maiores do que a de países ricos.

Eles têm a possibilidade de alcançar esses países ao investir rapidamente em tecnologia, o que já está estabelecido em economias desenvolvidas.

Eles também têm mão de obras disponível, para as indústrias em rápida expansão, por causa da população em crescimento e urbanização, com as pessoas se mudando do campo para as cidades.

Nas projeções originais de Jim O'Neill, o crescimento chinês ao longo dos próximos 10 anos foi fixado em 7%, da Índia de 5%, e Rússia e Brasil, em 4%.

O Brasil foi o único que não atingiu essa projeção.

Mas todos os Brics têm desacelerado na década atual, por mais de dois pontos percentuais cada, com exceção da África do Sul.

Potencial para o futuro

O FMI investigou a desaceleração dos países em desenvolvimento.

Uma parte significativa dele reflete a demanda internacional mais fraca por suas exportações e políticas governamentais dos próprios países, que se tornaram uma limitação ao crescimento, à medida que reverteram políticas de estímulo anteriores -cortando gastos ou aumento impostos para reduzir as necessidades de financiamento.

Mas também há outros fatores que afetam a capacidade das economias emergentes de crescer no futuro - que limitam o que o FMI chama de "potencial de crescimento".

As taxas de juros tendem a subir gradualmente de seus atualmente baixos níveis nos países ricos - particularmente nos EUA e no Reino Unido.

Isso vai afetar as taxas globais e tornar o investimento mais caro em economias emergentes.

Política de filho único foi afrouxada na China

Muitos também terão de lidar com o envelhecimento da população e um crescimento mais lento do número de pessoas em idade ativa.

Para alguns, a vantagem demográfica que tinham anteriormente está desaparecendo.

Rússia e China estão entre nesse grupo. Isso foi levado em conta nas projeções do Goldman Sachs. Jim O'Neill diz que, mais recentemente, suas políticas nesta área têm sido "surpreendentemente boas".

A China está afrouxando sua política de filho único e, diz ele, "a Rússia tem tido algum sucesso no aumento da expectativa de vida com políticas muito mais inteligentes sobre o consumo de álcool."

Apesar de todos os Brics terem desacelerado nesta década, os que apresentam performance mais fracos agora são Brasil e Rússia.

Suas taxas médias de crescimento têm sido inferiores a dos Brics asiáticos o tempo todo e, neste ano, eles desaceleraram ainda mais. Para 2014 como um todo, o FMI projetou crescimento para os dois, mas muito pouco - de 0,3% para o Brasil e 0,2% para a Rússia.

Os dois números, aliás, são um bem menores do que foi previsto este ano até para a zona do euro - apesar de ela ainda estar em crise e ter sido descrita como assombrada pelo "fantasma da estagnação" por Mark Carney, do Banco da Inglaterra.

Jim O'Neill ainda não achar que é o caso de tirar Brasil e Rússia do Brics - mas os últimos anos têm certamente sido uma decepção.

Portanto, não é hora de abandonar os Brics.

Os países do grupo estão passando por alguns problemas, certamente. Para mudar o quadro, a China, em particular, está embarcando em uma operação audaciosa, enquanto busca uma forma diferente e, talvez, em última análise, mais sustentável de desenvolvimento econômico.

Os Brics e seu desempenho importam para o resto do mundo, mais do que importavam na virada do século - o que é, afinal, o ponto principal do conceito original.

ANEXO F

BBC Entrar Menu

BRASIL

Notícias | Brasil | Internacional | Economia | Saúde | Ciência | Tecnologia | Aprenda Inglês

Brics: Quatro conquistas e um fracasso do grupo dos emergentes

Ruth Costas
Da BBC Brasil em São Paulo

7 julho 2015 | Compartilhar

Os líderes dos Brics (da esq): Vladimir Putin (Rússia), Narendra Modi (Índia), Dilma Rousseff, Xi Jinping (China) e Jacob Zuma (África do Sul)

O sétimo encontro de líderes dos Brics (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) que tem início nesta quarta-feira na cidade russa de Ufá, ocorre em um momento econômico particularmente difícil para parte do clube dos emergentes.

Rússia e Brasil devem ter recessão este ano. A China está desaquecendo e a economia sul-africana deve crescer cerca de 2%. Dos cinco Brics, o único que ainda empolga investidores é a Índia, com um crescimento esperado de quase 8% para 2015.

Até o criador do termo Bric, o ex-economista-chefe do Goldman Sachs Jim O'Neill, disse recentemente que se sentiria tentado a reduzi-lo para "IC" - iniciais de Índia e China - se os outros países não retomarem sua trajetória de crescimento até o fim da década.

Chama atenção, porém, que mesmo nesse cenário econômico desanimador parece haver menos ceticismo sobre a solidez do grupo do que há alguns anos, segundo analistas consultados pela BBC Brasil.

"Os Brics parecem ter conseguido, em um espaço curto de tempo, criar uma dinâmica para assegurar sua existência mesmo em um ciclo econômico desfavorável", opina Oliver Stuenkel, especialista em Brics da Fundação Getúlio Vargas.

Leia mais: Entre ricos e Brics, Brasil 'teve maior aumento em produtividade agrícola'

"De um lado, temos a institucionalização do grupo com a criação do banco dos Brics e de uma reserva emergencial para ajudar países em apuros financeiros. Do outro, há um fortalecimento dos canais de diálogo entre os líderes dessas nações emergentes, além de uma maior cooperação em áreas técnicas, científicas, acadêmicas e até culturais."

Marcos Troyjo, diretor do BRICLab da Universidade Columbia, concorda: "Basta comparar os Brics com o G7 (Grupo dos 7 países mais industrializados e desenvolvidos do mundo), por exemplo. O que foi que eles fizeram em termos de construção institucional? Nada. Até hoje se encontram apenas para trocar opiniões".

Agenda comum

O acrônimo Bric (que em um primeiro momento não incluía o "s", de África do Sul) foi criado por O'Neill como instrumento de análise financeira em 2001. Originalmente, se referia às nações emergentes que, em 2040, teriam o mesmo peso econômico dos países desenvolvidos.

Por volta de 2007, autoridades desses países perceberam a possibilidade de explorar politicamente a ideia de que suas nações teriam uma "agenda" comum.

Como resultado, a primeira reunião de cúpula dos Brics ocorreu em 2009, na Rússia, tendo como bandeira a luta pela reforma do sistema político e econômico internacional.

A África do Sul foi "incorporada" ao grupo em 2010.

É verdade que sempre houve questionamentos sobre o potencial de cooperação dos Brics em função de suas diferenças políticas e econômicas, de valores e interesses.

Avanços

1) Banco dos Brics

Os Brics já assinaram um acordo para a criação de um banco que financiará obras de infraestrutura em países pobres e em desenvolvimento, embora o projeto ainda precise ser ratificado pelo Legislativo de alguns países.

O chamado Novo Banco de Desenvolvimento (NBD), uma espécie de Banco Mundial dos emergentes, terá sede em Xangai, na China, e um capital inicial de US$ 50 bilhões, dividido igualmente entre os Brics.

Do ponto de vista financeiro, o banco é interessante porque pode receber uma classificação de risco melhor que as economias do grupo, captando recursos no mercado a um custo mais baixo.

Mas analistas também veem sua criação como parte de uma ação política que teria como objetivo criar alternativas à hegemonia americana e europeia no sistema financeiro internacional.

Espera-se que, em Ufá, sejam anunciados detalhes sobre quem fará parte da cúpula do novo banco e quais suas regras de funcionamento.

"Ainda sabemos pouco sobre como esse banco deve atuar. Ele poderá financiar uma empresa brasileira e uma chinesa em uma obra na Namíbia, por exemplo? Quem poderá pegar empréstimos e em que condições? Como ele se relacionará com outros bancos da Ásia, bancos de desenvolvimento nacionais e o Banco Mundial? Tudo isso ainda precisa ser esclarecido", diz Troyjo.

Leia mais: OCDE põe Brasil e Rússia na lanterna de ranking de crescimento para 2015

2) Arranjo de Contingente de Reservas (ACR)

Além da abertura do banco, os líderes também já acertaram a criação de uma espécie de fundo para socorrer membros dos Brics que tenham graves desequilíbrios em suas balanças de pagamentos ou estejam à beira de um calote.

O esquema, batizado de Arranjo de Contingente de Reservas (ACR), contará com um total de US$ 100 bilhões para essas operações de resgate financeiro.

A China se comprometeu com US$ 41 bilhões; Brasil, Rússia e Índia, com U$ 18 bilhões cada; e a África do Sul, com US$ 5 bilhões.

"Trata-se de uma espécie de Fundo Monetário Internacional (FMI) dos emergentes, que não impõe tantas condicionalidades para a liberação dos recursos", diz Troyjo.

"Pode ser um instrumento importante principalmente para dissipar especulações com relação ao impacto negativo de crises financeiras internacionais nos Brics".

3) Abertura de canais de diálogo

Segundo Stuenkel, os líderes do Brics também perceberam ao longo desses sete anos que podem conseguir "benefícios mútuos" com uma maior coordenação e a abertura de mais canais de diálogos.

"A Rússia, por exemplo, procurou o apoio do grupo quando tentava evitar o isolamento internacional em meio a crise na Ucrânia", diz ele.

"Além disso, é claro que dificilmente alguém do Itamaraty vai admitir isso, mas um presidente brasileiro provavelmente não teria tantas oportunidades para se encontrar e falar com um líder chinês não fossem esses encontros de emergentes."

Marcus Vinicius de Freitas professor de Relações Internacionais da Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP) concorda:

"Esses países perceberam que têm interesses comuns principalmente no que diz respeito às mudanças do sistema financeiro internacional - e que há muito espaço para uma coordenação nessa área."

"Independentemente da capacidade financeira e impacto econômico do banco dos Brics, por exemplo, sua simples existência já institucionaliza um canal de diálogo constante entre esses cinco países e suas instituições financeiras, algo que não existiria não fosse esse projeto dos Brics", diz.

4) Cooperação em áreas diversas

Além do banco e do ACR, integrantes do bloco também têm feito avanços na cooperação em outras áreas, como educação, políticas de inovação, turismo e desenvolvimento de infraestrutura, como enfatiza Paulo Wrobel, pesquisador do BRICS Policy Center, centro de pesquisas ligado à PUC do Rio de Janeiro.

Em março por exemplo, ministros dos cinco países se reuniram em Brasília para assinar um memorando de entendimento para facilitar a cooperação nas áreas de ciência, tecnologia e inovação.

Em fevereiro, os cinco ministros de educação se encontraram para discutir a criação de uma rede universitária dos Brics, a cooperação na área de educação técnica e profissional e a elaboração de metodologias de avaliação do ensino.

Na área de comércio, um dos projetos sobre a mesa é o uso de moedas locais para as operações de exportação e importação entre países dos Brics.

Segundo os analistas consultados pela BBC, porém, o avanço dessa proposta dependeria da iniciativa da China, que mantém uma relação comercial expressiva com os demais países do grupo.

"Os encontros dos BRICS também criaram oportunidades para a reunião de empresários e acadêmicos, e até ONGs se mobilizaram, de modo que a sociedade civil acabou incluída nessa agenda de cooperação", diz Wrobel.

Fracasso:

1. Crescimento econômico

Ainda que a falta de crescimento em alguns países não pareça atrapalhar a institucionalização e consolidação dos Brics no curto prazo há certo consenso entre especialistas de que, no longo prazo, poderia ampliar desequilíbrios que ajudam a minar a base de coesão do grupo.

Wrobel, do Brics Policy Center, lembra que o PIB da China já é maior que o de todas as outras economias do Brics juntas.

E com as economias da Rússia e do Brasil se enfraquecendo, segundo ele, não é difícil imaginar que esse país possa acabar tendo uma presença dominante no grupo, transformando o Brics em um "C+4".

"É péssimo para os Brics que o Brasil e a Rússia não cresçam", concorda Troyjo.

O especialista do BRICLab opina que, apesar de o avanço da construção institucional do grupo ser uma boa notícia, "se todos estivessem crescendo de maneira vigorosa haveria um benefício também para esse processo".

"Também é fácil imaginar que, diante da necessidade de promover um ajuste fiscal o Brasil possa ter dificuldades em financiar os mecanismos que lhe garantiriam uma 'voz ampliada' na agenda global", diz Troyjo.

"Ou seja, não adianta o país pleitear um lugar privilegiado nas organizações internacionais com a ajuda dos Brics se não tem condições de arcar com os custos financeiros que essa mudança exige."

Ver comentários

Compartilhar Sobre compartilhar

Voltar ao topo

ANEXO G

BBC Entrar Menu

BRASIL

Notícias | Brasil | Internacional | Economia | Saúde | Ciência | Tecnologia | Aprenda Inglê

Para onde caminha o banco do BRICS?

Mariana Schreiber
Enviada especial da BBC Brasil a Goa (Índia) e Xangai (China)

15 outubro 2016 Compartilhar

Sede do banco dos BRICS (à esq.), em Xangai; pretensão é tornar instituição global

Com pouco mais de um ano de criação, o New Development Bank (NDB), conhecido como banco do BRICS, é a iniciativa mais ambiciosa do grupo que reúne cinco nações emergentes - Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. Em abril, a instituição anunciou suas primeiras operações, com previsão de empréstimos de US$ 811 milhões para projetos de energia renovável.

A BBC Brasil esteve em setembro na sede do banco em Xangai e conversou com o vice-presidente Paulo Nogueira Batista sobre o futuro da instituição. Segundo ele, a pretensão é gradualmente tornar o NDB uma instituição global, com a entrada de novos países membros.

- **Brics obsoleto? Os avanços e as fraquezas do 'supergrupo' de potências emergentes**

Nações em desenvolvimento, porém, seguirão com maior poder de voto. Sua atuação deve ser ao mesmo tempo complementar e competitiva ao Banco Mundial, explicou.

"Não vai ser mal para o Banco Mundial e para o FMI que existam entidades que não são hostis a eles, mas não compartilham necessariamente da mesma visão sobre tudo", completou.

Entenda melhor abaixo, em quatro pontos, como o NDB pretende alcançar essa ousada meta.

DIVULGAÇÃO

Vice-presidente do banco, Paulo Nogueira Batista diz que NDB irá abrir-se a todas as nações da ONU

Do BRICS ou global?

Em julho, a direção do NDB foi autorizada a iniciar conversas com países interessados em ingressar no banco. Batista estima que os primeiros novos sócios devem entrar apenas no final de 2017, mas não detalha quais poderiam ser.

"Não é por acaso que o banco não se chama banco do BRICS. O NDB foi concebido para ser um banco global. Já no seu convênio constitutivo está estabelecido que estará aberto a todos os membros das Nações Unidas", explica o vice-presidente.

"O que posso dizer é que a decisão é de ser um processo gradual, que inclua países de renda alta, média e baixa, e que cubra todas as regiões do mundo", acrescentou.

- **Medida do governo sobre redução de vagas em faculdades gera polêmica: entenda o impacto da mudança**

Mas, embora a intenção seja atrair também países ricos, o banco manterá seu foco nas nações menos desenvolvidas, ressalta ele. "Nosso estatuto prevê que os países emergentes e em desenvolvimento terão sempre pelo menos 80% do poder de voto (no NDB), porque a ideia é criar um banco que tem a visão dos países em desenvolvimento".

Alguns analistas no entanto veem com ceticismo a ambição global do banco e criticam o fato da instituição ter começado com apenas cinco membros.

Simultaneamente à criação do NDB, a China liderou a fundação de outro banco de desenvolvimento, focado em investimentos em países asiáticos, o Asian Infrastructure Investment Bank (AIIB) - ele já tem 57 membros, inclusive o Brasil.

Embora intenção do banco seja atrair países ricos, seu foco continuará nos BRICS, diz Batista

Jim Yong, do Banco Mundial e Christine Lagarde, do FMI; para Batista, banco dos BRICS deve ser complementar ao Banco Mundial

Contraponto ao Banco Mundial?

O NDB costuma ser visto como um contraponto ao Banco Mundial, instituição em que as nações desenvolvidas têm poder decisório bem maior que as emergentes.

Os países do BRICS há anos reivindicam uma reforma da instituição e também do FMI (Fundo Monetário Internacional), para que reflitam melhor o peso cada vez maior de nações em desenvolvimento na economia global.

A lentidão com que esse processo tem avançado foi um fator importante para a decisão de criar o NDB, explica Batista, que durante oito anos atuou como diretor do FMI.

- **Plano econômico de Temer tem 'sintonia' com projeto de Lula, diz Moreira Franco**

Seguindo esse princípio de criar instituições alternativas às tradicionais, simultaneamente ao banco, o BRICS lançou também um fundo de US$ 100 bilhões, chamado Arranjo de Reservas de Contingência, que deve servir para socorrer seus membros em caso de eventual crise financeira.

"Dificilmente o BRICS teria se dado ao trabalho de iniciar esse processo, de um banco e de um fundo, se os países estivessem satisfeitos com a atuação das entidades sediadas em Washington, notadamente o FMI e o Banco Mundial", destaca Batista.

Apesar disso, ele diz que o objetivo do NDB é ser complementar ao Banco Mundial e conta que ambos já inclusive assinaram acordos de cooperação.

"Essas iniciativas são complementares? São, e são também competitivas. Essa relação complementaridade, competição não é ruim. Todo mundo se beneficia de competição. Eles não são favoráveis a competição (risos)? Não é uma Bíblia para eles que a competição é muito importante para o funcionamento das coisas?", questiona Batista, em referência a um dos "mantras" das economias capitalistas.

O economista conta que encontrou no NDB um ambiente de mais consenso e cooperação entre os membros. Atualmente, a direção da instituição é composta pelo presidente Kundapur Vaman Kamath, da Índia, e mais quatro vices, cada um com nacionalidade de um dos membros.

- **O Brasil vai enviar tropas para outra missão de paz após deixar o Haiti?**

"Eu passei oito anos no FMI, é um ambiente de embate, de divisão, não é uma entidade unida, embora possa parecer, porque é uma preocupação transmitir uma união para fora. E aqui existe um ambiente de grande consenso entre os cinco países. Ás vezes eu sinto até falta do embate (risos)".

Segundo batista, o NDB pretende ser um banco mais focado do que o Mundial, que atua em diversas áreas, dando prioridade a projetos em desenvolvimento sustentável. O banco do BRICS também não influirá em questões internas, impondo determinadas políticas aos tomadores de empréstimos, observou.

Primeira emissão de títulos do banco dos BRICS ocorreu no mercado chinês

Próxima cúpula dos BRICS ocorrerá em Goa, na Índia, neste fim de semana; país também receberá próxima emissão de títulos do NDB

Banco verde

Dentro dessa filosofia, o NDB anunciou suas primeiras operações em abril deste ano, com a previsão de empréstimos de US$ 811 milhões para projetos de energia renovável nos cinco países. A maior parcela deve ser destinada ao Brasil (US$ 300 milhões).

São investimentos em geração solar, eólica e hidrelétrica. A previsão é que os recursos comecem a ser liberados ainda este ano. No caso brasileiro, as operações estão sendo feitas com intermédio do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social).

"Nós resolvemos aproveitar a expertise do BNDES, que é o banco de desenvolvimento mais antigo entre os bancos do BRICS. Era uma escolha natural num primeiro momento", justificou Batista.

A primeira operação de captação de recursos no mercado financeira também teve o "selo" da sustentabilidade.

- **Acessível para quem? Como o transporte divide ricos e pobres na cidade brasileira**

Em julho, o NDB vendeu títulos com vencimento de cinco anos no valor de 3 bilhões de iuans (cerca de US$ 450 milhões). Esses bônus são chamados de "verdes" porque todos os recursos captados têm que necessariamente financiar projetos de infraestrutura sustentável.

"Vamos submeter a aplicação dos recursos a uma verificação independente para assegurar que a destinação específica foi essa", disse Batista.

A procura pelos títulos foi três vezes superior a oferta, anunciou o banco na época.

"Os investidores têm interesse em contribuir para o financiamento verde. É uma temática que tem a ver com a preocupação que se generaliza com o que você está vendo aí", afirma o vice-presidente, apontado através da janela para a cortina de poluição que domina o céu de Xangai.

Alternativa ao dólar

O banco planeja novas emissões de título em moedas locais, mas ainda não há previsão de títulos em reais.

A próxima emissão provavelmente será realizada em rúpias (moeda indiana). Um segunda captação no mercado chinês também esté prevista para ocorrer nos próximos seis meses, no valor de 10 bilhões de iuans.

Segundo Batista, há dois motivos para as emissões em moedas nacionais dos países BRICS.

Por um lado, busca-se evitar o risco da variação cambial, já que insvestimentos em infraestrutura têm longo prazo de duração. Dessa forma, ao captar nas mesmas moedas em que vai conceder empréstimos, o banco reduz risco de perdas com mudanças nas cotações.

Outro objetivo é contribuir para aumentar a inserção dessas moedas globalmente.

"O mundo é cada vez mais multilteral e é natural que ele se torne também mais multilateral do ponto de vista monetário, que não dependa só do dólar e de algumas moedas de países avançados, na medida em que houver a evolução dos mercados locais", observou o vice-presidente.

Tópicos relacionados

Economia

Compartilhar Sobre compartilhar

Voltar ao topo

ANEXO H

Qual é a relevância dos Brics - e quais são seus desafios para o futuro

Luis Barrucho
Enviado especial da BBC Brasil a Pequim e a Xiamen (China)

3 setembro 2017 Compartilhar

Juntos, os Brics ocupam 26,46% da área total da Terra, reúnem 42,58% da população mundial e respondem por 22,53% do PIB do planeta

Os números são astronômicos: juntos, os Brics - o grupo formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul - ocupam 26,46% da área total da Terra, reúnem 42,58% da população mundial e respondem por 22,53% do PIB do planeta.

Mas, na medida em que crescem em importância, suas diferenças acabam se tornando mais pronunciadas desde que o termo foi criado, há 16 anos.

Naquela ocasião, o britânico Jim O'Neill, então diretor de pesquisas econômicas do banco de investimentos Goldman Sachs, cunhou a sigla ao assinalar a importância cada vez maior desses países, sobretudo, da China, para o crescimento da economia mundial.

Mas, hoje, no campo econômico, os Brics têm tido desempenhos muito diferentes. A Índia é a única que continua a crescer. A China ainda mantém uma taxa de crescimento bem maior do que a média mundial, mas menos vigorosa do que no passado. Já Brasil e Rússia se revelaram "grandes decepções", como **afirmou O'Neill em entrevista à BBC Brasil**.

Já no campo político, disputas territoriais entre China e Índia elevaram as tensões entre os dois países.

Como resultado, o futuro do grupo vem sendo colocado em xeque.

Neste domingo, os Brics se encontram pela 9ª vez - apesar de o termo ter sido criado em 2001, a primeira reunião do grupo só aconteceu em 2009 em Yakateriburgo, na Rússia. A cúpula deste ano acontece em Xiamen, no sudeste da China. Cinco países foram convidados pela China como observadores: México, Tailândia, Tajiquistão, Egito e Guiné.

- **As três opções militares dos Estados Unidos contra a Coreia do Norte**
- **Esquecidas pelos livros, descobertas de astrônomas pioneiras do século 19 são resgatadas em Harvard**

A BBC Brasil conversou com especialistas para entender se os Brics perderam relevância e quais são seus principais desafios.

Eles disseram acreditar que o grupo evoluiu significativamente desde sua criação, deixando de ser meramente um agrupamento de economias emergentes com forte crescimento para se tornar um agrupamento político.

No entanto, destacaram que ainda há um "longo caminho a percorrer" para os Brics façam frente aos países hoje considerados desenvolvidos.

Relevância

Segundo Oliver Stuenkel, coordenador do MBA de Relações Internacionais da FGV-SP, "o fato de não haver concordância em tudo não inviabiliza a utilidade política dos Brics, especialmente para o Brasil".

"Se não houvesse essa cúpula, dificilmente o Temer conseguiria encontrar os presidentes de todos esses países em único lugar. Trata-se de um momento importante para a assinatura de acordos bilaterais, para a coordenação de políticas comuns e demais interesses econômicos", diz ele à BBC Brasil.

Para Sérgio Veloso, professor e pesquisador do Centro de Estudos e Pesquisas Brics (Brics Policy Center), os Brics "nunca surgiram como um agrupamento cuja força residia na capacidade individual de cada país".

"Trata-se, ao fim e ao cabo, de um agrupamento político, embora tenha levado algum tempo para que eles pudessem desenvolver uma agenda política conjunta. Os Brics nunca estiveram tão sólidos", diz.

Marcos Troyjo, diretor do BRICLab, da Universidade de Columbia, nos Estados Unidos, concorda. Ele destaca a diferença do que chama de "Brics 1.0" e "Brics 2.0".

"O significado de 'Brics' muda em função do interlocutor. Estão se consolidando ao menos duas formas com que a comunidade internacional enxerga o grupo", diz.

"A primeira avalia momento atual e perspectivas dos quatro gigantes (sem África do Sul), como 'mercados em crescimento'. Ou seja, chamar a atenção do mundo para seu potencial como propulsores do crescimento foi a essência dos "Brics 1.0", destaca.

"A segunda concentra-se no impacto da construção institucional dos Brics (com África do Sul) nas relações internacionais dos próximos 25 anos. Tal enfoque mede o impacto da articulação do grupo em organizações multilaterais existentes, no surgimento de novos instrumentos plurilaterais e portanto em novas alianças e polos de poder. É o que podemos chamar de 'Brics 2.0', acrescenta.

Segundo Troyjo, enquanto houve decepção com a primeira, por causa do desempenho econômico abaixo das expectativas e da urgência de agenda reformadora "em sua natureza, essencialmente liberal", a segunda - a de que os Brics constituem um "polo alternativo de poder nas relações internacionais" - vem ganhando cada vez mais força.

Brasil e Rússia vivem momentos ruins na economia, enquanto China se mantém na crescente e Índia tem aumentado seu crescimento ano a ano

"Passou a fase em que Brics eram apenas, nas finanças, sinônimo de 'elite dos emergentes'. De agora em diante, ganha ainda mais força o conceito de "Brics 2.0", diz.

"Hoje os cinco países mantêm grupos de trabalho em áreas como cooperação espacial, combate ao terrorismo, saúde pública", acrescenta.

Os especialistas citam como exemplos do estreitamento das relações entre esses países não só o estabelecimento de um fundo de US$ 100 bilhões à disposição de qualquer membro do grupo no caso crises de liquidez, como também o Novo Banco de Desenvolvimento (NBD), também chamado de "Banco dos Brics", voltado para o financiamento de projetos em países em desenvolvimento.

"Os Brics são excelente veículo para Pequim se movimentar geoeconomicamente para além de sua vizinhança asiática. Daí os primeiros projetos financiados pelo NBD centrarem-se em energia limpa. A China investe mais em tecnologia eólica e fotovoltaica do que todo o resto do mundo", diz Troyjo.

"A construção institucional dos 'Brics 2.0' não é pouca coisa. Agrupamentos como o G7 jamais foram além de declarações sobre a conjuntura global", acrescenta.

Desafios

Para Stuenkel, o principal desafio dos Brics é "reduzir as barreiras econômicas e fortalecer sua posição no sistema econômico internacional".

"Os Brics precisam continuar e aprofundar o processo de reforma do sistema internacional para que ele se adeque cada vez mais à distribuição de poder, que hoje é muito diferente daquela do final da 2ª Guerra Mundial, quando grande parte dessas instituições foram criadas", defende.

Já Veloso alerta para o risco de que a China acabe sendo hegemônica sobre o grupo.

"Os Brics vão ter de aprender a lidar com a própria China. Essa agenda de desenvolvimento chinês cria rusgas com a Índia. O protagonismo chinês é indisputável, mas até que medida a China usará os Brics como sua própria plataforma de projeção?", questiona.

Para Troyjo, o principal desafio para os Brics é tentar aumentar o comércio "num contexto global de protecionismo e avançar em projetos voltados ao financiamento do desenvolvimento".

Neste sentido, o futuro do grupo passaria pela adesão de novos membros, o chamado "Brics +" ("Brics Plus"), ideia apoiada pela China, mas rejeitada pelos demais, que temem perder relevância.

Troyjo lembra que um indício disso foi o convite feito pela China para que cinco países participassem da cúpula deste ano como observadores.

"Talvez essa ideia faça sentido no âmbito do banco. É por isso ele se chama "Novo Banco de Desenvolvimento", e não Banco do Brics, o que deixa a porta aberta a novos membros. É uma aposta arriscada aumentar demais o número de membros. A China gosta da ideia, mas Índia e Brasil têm ressalvas, pois acham que isso diluiria a efetividade do agrupamento", explica.

O especialista também destaca que os Brics ainda apresentam "pouca coesão" em "temas mais nevrálgicos do cenário internacional".

"Não consta da agenda dos Brics certas pautas, que agradam à Rússia, por exemplo, como a atuação do Ocidente na crise síria. A questão é demasiado sensível, e países como o Brasil entendem que a ONU é o fórum adequado. Tampouco pode-se esperar atuações mais incisivas em outros temas espinhosos que afetam os Brics, individual ou coletivamente —como a tensão geopolítica em torno do mar do Sul da China, a Crimeia, ou as seguidas rusgas entre Índia e Paquistão, e mesmo no recente atrito fronteiriço Índia-China em Doklam", exemplifica.

"A verdade é que os Brics só progredirão como aliança em áreas, como o financiamento do desenvolvimento, onde seus interesses são claramente coincidentes", ressalva.

Compartilhar Sobre compartilhar

Voltar ao topo